

ANO DO CENTENÁRIO

Ave

REVISTA MENSAL  
junho 1998 2,50

# MARIA



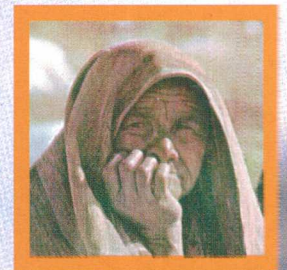
*“Globalizar a  
solidariedade”*

João Paulo II

PEDRO,  
VIGÁRIO DE CRISTO



SECA, DESEMPREGO  
E OUTRAS MISÉRIAS



COMUNICAÇÃO, DIÁLOGO  
ENTRE EMISSOR E RECEPTOR



# VINDE, ESPÍRITO DE AMOR E DE PAZ!

## Oração do Papa João Paulo II

No segundo ano de preparação para o grande Jubileu do ano 2000

**Espírito Santo**, hóspede amável dos corações, manifestai-nos o sentido profundo do Grande Jubileu e dispode o nosso espírito para o celebrarmos com fé, na esperança que não desilude, com caridade desinteressada.

Espírito de verdade, que perscrutais as profundezas de Deus, memória e profecia da Igreja, levai a humanidade a reconhecer, em Jesus de Nazaré, o Senhor da glória, o Salvador do mundo, o cumprimento supremo da História.

**VINDE, ESPÍRITO DE AMOR E DE PAZ!**

Espírito Criador, secreto construtor do Reino, com a força dos vossos santos dons, dirigi a Igreja para transpor com coragem o limiar do novo milênio, a fim de levar às gerações que hão de vir a luz da Palavra salvadora.

Espírito de santidade, sopro divino que agita o universo, vinde e renovai a face da terra. Suscитай, nos cristãos, o desejo da unidade plena, para serem, no mundo, sinal e instrumento eficaz da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano.

**VINDE, ESPÍRITO DE AMOR E DE PAZ!**

Espírito de comunhão, alma e sustentáculo da Igreja, fazei que a riqueza de carismas e ministérios contribua para a unidade do Corpo de Cristo; fazei que leigos, consagrados e ministros or-

denados concorram unânimes para a edificação do único Reino de Deus.

Espírito de consolação, fonte inesgotável de alegria e de paz, despertai a solidariedade por quem vive na miséria, proporcionai aos doentes o conforto de que precisam, infundi, em quem se acha na provação, firmeza e esperança e, em todos, reavivai o empenho por um futuro melhor.

**VINDE, ESPÍRITO DE AMOR E DE PAZ!**

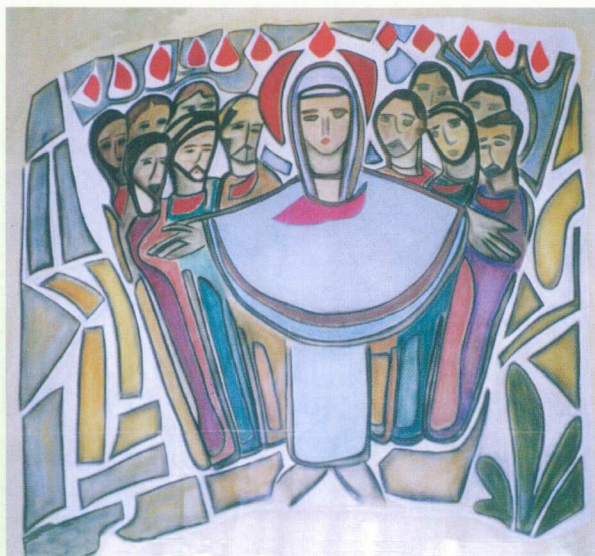
Espírito de sapiência, que sensibilizais as inteligências e os corações, orientai o caminho da ciência e da técnica para o serviço da vida, da justiça, da paz. Tornai fecundo o diálogo com os membros de outras « religiões, fazei que as diversas culturas se abram aos valores do Evangelho

Espírito de vida, por cuja obra o Verbo se encarnou no seio da Virgem Maria, mulher do silêncio à escuta, tornai-nos dóceis às sugestões do vosso amor e sempre prontos a acolher os sinais dos tempos que Vós colocais nos caminhos da História.

**VINDE, ESPÍRITO DE AMOR E DE PAZ!**

A Vós, Espírito de amor, com o Pai Onipotente, e o Filho Unigênito, seja dado louvor, glória pelos séculos sem fim. Amém.

*João Paulo II*



Reprodução do quadro original de Cláudio Pastro.



## A dinâmica do Espírito

4. *A IGREJA NO MUNDO*  
NOTÍCIAS
6. *PALAVRA DO PAPA*  
GLOBALIZAR A SOLIDARIEDADE
7. *COMUNICAÇÃO: DIÁLOGO ENTRE*  
EMISSOR E RECEPTOR  
**FREI BETTO**
9. *CAMPANHA DA FRATERNIDADE*  
JUNHO, JUNO E JUNINAS  
**JOÃO BATISTA LIBÂNIO**
10. *FRATERNIDADE E EDUCAÇÃO A*  
SERVIÇO DA VIDA E DA ESPERANÇA  
**PEDRO CASALDÁLIGA**
12. *PEDRO, VIGÁRIO DE CRISTO*  
E MODELO DE CRISTÃO  
**GERALDO ARÁUJO LIMA**
14. *DOS BELISCÕES "DE FRADE" À*  
PAIXÃO PARA ALFABETIZAR ADULTOS  
**JOSÉ CARLOS SALVAGNI**
16. *SECA, DESEMPREGO*  
E OUTRAS MISÉRIAS  
**JOSÉ GERALDO VIDIGAL DE CARVALHO**
18. *A PARTE PELO TODO*  
**PE. ZEZINHO**
19. *VIRTUDES ENLOUQUECIDAS*  
**ISIDORO DE NADAI**
20. *SANTOS - TESTEMUNHO*  
DE VIDA CRISTÃ  
SÃO JUSTINO, SÃO JOÃO FISCHER  
E TOMAS MORUS  
**RONALDO MAZULA**
22. *HISTÓRIA DA IGREJA*  
**RONALDO MAZULA**
24. *MEU LAR, MINHA ALEGRIA*  
**WIMER BOTURA JR.**
25. *CULINÁRIA*  
**YVONNE BARROS OLIVEIRA**
27. *LITURGIA DA PALAVRA*
32. *CARTAS*
33. *RELENDO A BÍBLIA*  
HABACUC  
**NORMA TERMIGNONI**
34. *DIVERTIMENTOS*

**T**odos os anos a Igreja celebra um momento religioso muito forte que é o Pentecostes, a fundação da Igreja. Mais que um fato histórico com registro no passado, a vinda do Espírito Santo é a permanência de Deus em nosso meio, é um fato sempre atual, dinâmico que dá sentido à fé e à religião. Tanto que a razão da vinda do Santo Espírito é para que os discípulos de Jesus Cristo, de todos os tempos sejam fortes testemunhas em todos os lugares e situações (cf. At 1,8).

As situações atuais em nosso Brasil são as mais diversas, paradoxais e antagônicas. Estamos em tempo de campanha política para eleições e tempo de copa do mundo de futebol, unidos nesta, separados naquela; Em tempo de estabilidade da moeda e instabilidade de emprego, poucos com muito e muitos com pouco ou mesmo nada; em tempo de seca e de saques, o direito a não morrer de fome, custe o que e a quem custar. Para o governo saque é baderna, para os famintos baderna é não ter emprego para viver como gente.

Em todas as situações o Deus de Jesus Cristo desafia nossa capacidade de solução e provoca nossa inteligência humana para o gesto divino, a justiça e solidariedade. Mesmo porque os dons que todos recebemos de Deus só serão divinos se voltados para o bem comum.

Neste número o Papa João Paulo II, em "Palavra do Papa" (p. 6), retoma o ensinamento da Igreja e diz, diante da globalização atual que penaliza com o desemprego, a Comunidade cristã tem o dever fundamental "de revelar sua capacidade solidária e satisfazer a necessidade do outro". Este mesmo ensinamento da Igreja, é milenar, escreve o Pe. José Geraldo V. de Carvalho (p. 16).

Frei Betto em "Comunicação: diálogo entre emissor e receptor" (p. 7) levanta questão: somos bem informados? Sabemos quem são os necessitados e por que são ou se tornaram necessitados?

No espírito da Campanha da Fraternidade D. Pedro Casaldáliga, em "Fraternidade e Educação a Serviço da Vida e da Esperança" (p. 10), lembra que tudo educa ou deseduca; tudo forma ou deforma nossa cabeça, nosso coração, nossos costumes. Sem a educação ampla, com senso crítico, a sociedade como um todo não consegue mudar para melhor.

O tema da educação (p. 14) também é abordado por José Carlos Salvagni, que descreve a evolução dos padrões de ensino, desde a palmatória até a educação atenta à responsabilidade e às ações que se conformam com a razão e os princípios da justiça.

João Batista Libânio ensina em "Junho, Juno e juninas" (p. 9) que o folclore das festas populares, embora de origens pagãs, têm valores que em nada prejudicam a nossa fé. A alegria contagiante e integradora também é um resultado do Espírito Santo.

A dinâmica do Espírito acontece todos os dias, em todos os filhos e filhas de Deus para todas as situações. Que ninguém se sinta, em nenhum tempo, sem esta força. "Oxalá todo o povo do Senhor receba o Espírito Santo!" (Nm 11, 29).

P.C.G.

## FELIZ REGRESSO HUMANITÁRIO



O governo dos Estados Unidos respondeu positivamente ao pedido da arquidiocese de Miami para poder fretar aviões e destiná-los à ajuda humanitária a Cuba, suspensa desde 1996. Com o sinal verde de Washington, a Igreja, que estava armazenando material sanitário para transportá-lo a Cuba, começou a tarefa de preparo e embalagem. Enquanto não reiniciarem os vôos regulares, a arquidiocese de Miami vai fretar semanalmente um avião para a capital cubana com material hospitalar, remédios e vitaminas.

## CUBA RECEBE AJUDA FINANCEIRA

O senador Jesse Helms, quem em 1996 preparou a famosa lei Helms-burton, a qual endurecia o embargo norte-americano contra Cuba, propôs modificar esta política e doar 100 milhões de dólares a Cuba, ajuda

que seria canalizada através da Igreja Católica. A ajuda humanitária, explicou o senador que também preside o Comitê de Relações exteriores, será entregue num período de quatro anos, em parcelas de 25 milhões de dólares por ano.

## REFORMA EDUCATIVA NO PARAGUAI

A Igreja no Paraguai manifestou seu apoio à reforma educativa no país, através de um projeto de lei geral que visa melhorar a qualidade da educação. “O ano letivo nas escolas de 1º e 2º grau e profissionais terá um mínimo de 200 dias, e cada dia terá pelo menos quatro horas de atividades escolares, sem contar os dias dos exames”, diz o artigo 114 do projeto de lei geral da educação. “Os professores confundem a profissão com a de funcionário. Porém, o trabalho não é um castigo; é uma bênção. O estudo deve ser um prazer, e com esta atitude os mestres ensinam aos alunos a valorizar o máximo de trabalho”, explicou o padre Jesús Montero Tirado, membro do Conselho de Assessoria da Reforma Educativa e um dos autores do projeto de lei.

## MST RECORRE AO PAPA

Os dirigentes do MST enviaram uma carta ao

Papa João Paulo II pedindo “ajuda humanitária da Igreja” e denunciando a impunidade aos assassinos de camponeses. O documento foi entregue ao Papa pelo deputado Elvino Gass(PT), recebido no início de maio pelo Sumo Pontífice no Vaticano. Além da “ajuda humanitária da Igreja”, solicitada pelas “57.300 famílias dos sem-terra, a maioria delas católica, que vivem em 299 acampamentos precários expostas à fome, às enfermidades e às inclemências do tempo”, o MST lembra a “má distribuição das terras no Brasil”.

## IMIGRAÇÃO E IGUALDADE

Numa mensagem dirigida à população norte-americana, o cardeal Giovanni Cheli, presidente do Pontifício Conselho para os Migrantes e Itinerantes, pediu uma acolhida carinhosa aos imigrantes. A Igreja apoia tanto o direito das pessoas a viver em seu próprio país em condições de igualdade, como o direito dos imigrantes quando as condições de vida em seus países violam a dignidade humana e a de suas famílias”, disse o cardeal em Nova York, durante palestra na Fordham University, no mês passado. O cardeal Cheli afirmou que um estado pode “regulamentar o

fluxo migratório para não aumentar suas dificuldades internas, porém é direito do migrante manter sua vida familiar, assim como é direito dos refugiados receber proteção. Ao mesmo tempo, sublinhou que a Igreja deve acolher com carinho os imigrantes que, como batizados, são “potencialmente uma parte integral da comunidade cristã”.

## IGREJA CONDENA TESTES NUCLEARES



A Conferência Episcopal Católica da Índia (CBCI) condenou os testes nucleares realizados pelo governo do primeiro ministro A.B. Vajpayee. Os bispos, numa nota da Comissão Episcopal Justiça e Paz, reafirmaram os princípios morais da pesquisa científica nuclear sublinhando como esta deva visar única e exclusivamente derrotar as doenças e melhorar a qualidade de vida. “Pobreza e subdesenvolvimento no País — lê-



se no documento — exigem um compromisso incondicional para melhorar as condições de vida do nosso povo”. O Episcopado indiano reafirmou seu compromisso a favor da paz e da convivência pacífica dos povos. Esta, na convicção dos bispos, é a atitude justa para afastar o perigo de um conflito nuclear. O documento foi assinado também pela Igreja Evangélica do Norte da Índia e pela União de toda a Índia Católica.

## PUBLICIDADE PARA EVANGELIZAR

Fazer da publicidade um novo instrumento de evangelização a serviço da Igreja: foi o que propôs um grupo de publicitários espanhóis católicos que deram vida a uma fundação que recebeu o nome do Beato Maximiliano Kolbe. O presidente da Fundação, que tem sua sede em Barcelona, o sacerdote Francisco Segarra, numa entrevista a uma revista espanhola destacou como a publicidade pode se transformar num eficaz meio de pré-evangelização contínua, dirigida àqueles que perderam o costume de freqüentar a Igreja ou que jamais freqüentaram. O objetivo da iniciativa dos publicitários católicos espanhóis é “modernizar a estética da linguagem cristã, sem, entretanto, laicizar a própria mensagem”.

## FOME NO NORDESTE



Conforme recomendação da 36ª Assembléia Geral da CNBB, encerrada no início de maio, a direção da Cáritas Brasileira reuniu-se para encaminhar essa recomendação. Carta sobre o assunto foi enviada a todos os bispos. Na reunião foi definido que serão mobilizadas todas as comunidades do país para arrecadar recursos financeiros e alimentos. As próprias comunidades do Nordeste farão a adequada distribuição. A Cáritas acompanhará a distribuição dos alimentos, em colaboração com as comunidades de destino, que serão estimuladas a formar comissões para isso; os Secretariados Regionais da Cáritas, junto com as Dioceses, estabelecerão os locais para receber as doações e, em seguida, serão distribuídas pelas comunidades necessitadas.

## CONTRA O TRABALHO INFANTIL

A Marcha Global contra o Trabalho Infantil e a Dignidade da Infância está percorrendo a Europa. Esse movimento promete converter-se numa das mobilizações mais importantes do mundo neste

ano. Iniciada na Ásia, África e América, vários meses atrás, conta com o apoio de quase mil organizações não governamentais de todo mundo. Centenas de crianças baterão às portas das

Nações Unidas e da Organização Internacional do Trabalho (OIT) para exigir o respeito de seus direitos. No mundo inteiro cerca de 250 milhões de crianças trabalham.



# Ave MARIA

**AVE MARIA** é uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62). Fundada em 28 de maio de 1898. Registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos

Diretor: Cláudio Gregianin (MTB nº 14.696)

Administração: Hely Vaz Diniz

Redação, diagramação: Avelino S. de Godoy (MTB Nº 14.962)

Revisão: Eduardo Russo.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 4º e 5º andares. Tel. (011) 3666-2128 e 3666-2129 - Caixa Postal 1205 CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP. Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP - Bairro do Gramado, CEP 06835-300.

A assinatura pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado em nome da revista

**Ave Maria** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades em domicílio; nas demais as renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

**Preços: Assinatura - R\$ 20,00. Número avulso - R\$ 2,50**  
**Ligue grátis 0800-55 5021**

**Internet: [www.avemaria.com.br/revista](http://www.avemaria.com.br/revista)**

## AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às Senhoras e aos Senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela Revista Ave Maria a todos os seus representantes legais.

### NOMES DOS COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alexandre Gregianin (RS); Alice Ferreira Reis (SP); Sérgio Pierozan (SP e GO); Benedito Carlos Câmara (SP); Jesus Macedo (SP); Anselmo Pereira Almeida (MG); Benedito Vaz Neto (MG); Edson Nunes de Moraes (MG); Gilmar Diniz Silva (MG); Mauro Donizeti Câmara (SP); Rosa Maria S. Mormandi (SP); José Pereira da Silva (Londrina); Antônio Cesar (SP); Pe. Pedro Jordá; Maria Cristina Almeida Prado, SP; Luiz Paulo Zago, Araçatuba, SP.

**EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.**

## “SERVIÇO BÍBLICO”

Comentários teológico-bíblicos diários sobre as leituras bíblicas das missas na internet: <http://www2.netpoint.com.br/claretianos/servbib/servbib.htm>



## Globalizar a solidariedade

*Alguns pontos da mensagem do Papa por ocasião do Congresso Nacional sobre o tema "A questão do trabalho hoje. Novas fronteiras da evangelização", promovido pela Comissão Episcopal da CEI (Conferência Episcopal italiana) para os Problemas sociais e o Trabalho.*

**O** atual contexto sociocultural notavelmente mudou apresenta, de maneira nova, a questão do trabalho.

A nova situação, que privilegia de fato as empresas e o setor terciário, põe em evidência, além disso, as dificuldades em que se debatem os trabalhadores do mundo rural e urbano.

Não menos digna de consideração é a ótica instrumental e utilitarista, segundo a qual, muitas vezes, somos movidos a enfrentar os problemas do trabalho, com a conseqüente e difundida queda dos valores da solidariedade e do respeito pela pessoa.

À globalização da economia está ligado o perigo da exclusão de algumas áreas geográficas dos projetos de desenvolvimento, com conseqüências que penalizam os jovens e quantos se encontram despreparados para enfrentar as rápidas inovações tecnológicas. Isto gera insegurança e mal-estar, sobretudo nas camadas mais humildes da população.

Apesar disto, no mundo do trabalho não faltam promissores fermentos de esperança. Começa a emergir uma nova cultura que, em consonância com a doutrina social da Igreja, considera como fator decisivo da produção *o próprio homem, isto é, a sua capacidade de conhecimento que se revela no sa-*

*ber científico, a sua capacidade de organização solidária, a sua capacidade de intuir e satisfazer a necessidade do outro" (Centes. annus, 32).*

Toma-se consciência, além disso, do fato que é possível estender o bem-estar social e econômico ao mundo inteiro, oferecendo a todos os povos a oportunidade de realizar o próprio e autêntico desenvolvimento.

As polêmicas questões trabalhistas desafiam os cristãos e os homens de boa vontade em reconstruir o sentido da atividade humana nas suas dimensões pessoais, familiares e comunitárias, superando as tentações do egoísmo, do corporativismo e da supremacia do mais forte.

Aos que têm fé é pedido que ofereçam seu contributo peculiar: chamados a ser no mundo sinais autênticos do amor de Deus, eles não podem deixar de sentir a necessidade de ultrapassar os âmbitos restritos do próprio grupo ou do próprio País, respondendo à globalização dos sistemas econômicos com a globalização do empenho de solidariedade para com as gerações presentes e futuras.

O Espírito, que convida o homem a colaborar de maneira responsável na humanização do mundo e a construir relações de fraternidade, lealdade e justiça, inspira aos cristãos que se empenhem na promoção, entre as diversas partes, do diálogo e da disponibilidade necessários para realizar o bem comum, enfrentando com cora-

gem, sobretudo, os problemas dos mais fracos e dos mais pobres. À cultura da conquista e da concorrência sem regras, que parece caracterizar o mercado internacional, os cristãos devem opor opções concretas aptas para promover um sistema político e social, fundado sobre o reconhecimento da dignidade de cada pessoa e sobre o respeito do ambiente.

A solução dos múltiplos problemas do homem não pode acontecer senão com a redescoberta dos valores espirituais. Não basta dar respostas concretas a interrogações econômicas e materiais; é necessário suscitar e cultivar uma autêntica espiritualidade do trabalho, que ajude os homens a aproximarem-se de Deus, Criador e Redentor, a participarem nos Seus planos salvíficos em relação ao homem e ao mundo e a aprofundarem na sua vida a amizade com Cristo (cf. Carta Enc. Laborem exercens, 24).

A questão do trabalho (num contexto de desemprego) constitui, hoje, um grande desafio para a Comunidade cristã, e de modo particular para os fiéis leigos, estimulados ao dever fundamental de *«animar, com espírito cristão, as realidades temporais e testemunhar, nesse campo, que são operadores de paz e de justiça» (Sollicitudo rei socialis, 47)*, pondo em prática medidas inspiradas na solidariedade e no amor preferencial pelos pobres."

Vaticano, 6 de Maio de 1998.





# Comunicação:

## Diálogo entre emissor e receptor

Frei Betto

**N**unca houve tanta informação: rádio, TV, jornais, revistas, Internet, cinema, publicidade, livros, etc. Diante dessa multimídia globalizada, uma pergunta se impõe: somos bem informados?

A tecnologia de comunicação atual é, quanto a forma, a melhor que a humanidade já conheceu. E quanto ao conteúdo?

(Atenção: nem todo avanço tecnológico representa melhoria de qualidade. Exemplos: remédios industrializados costumam ter mais contra-indicações que os naturais; perdemos o *know-how* egípcio de fazer pão que não endurece, e já não sabemos como os medievais produziam cortes na pele, para fazer sangria, sem deixar cicatrizes).

Hoje, a mídia rompe todas as fronteiras de tempo (o vídeo traz Ayrton Senna ou Chico Mendes vivos) e de espaço (vemos de São Paulo o vulcão Etna, na Sicília, cuspidando lavas). A luz já não é a única a ocupar a *pole position* em matéria de velocidade. A informação é tão rápida quanto ela.

### Emissores X receptores

Os emissores — aqueles que controlam os veículos de comunicação — sabem o que querem. Têm interesses, ideologia, ambições, alvos estratégicos, e os defedem com uma intran-



sigência só comparável à sutileza com que revestem suas mensagens com a embalagem da suposta neutralidade.

Nós, os receptores, estamos aptos a acolher toda essa massa de informações? Temos resistências psíquicas e capacidade de assimilação frente à avalanche de estímulos visuais, mentais e emocionais? Sabemos avaliar o conteúdo da informação?

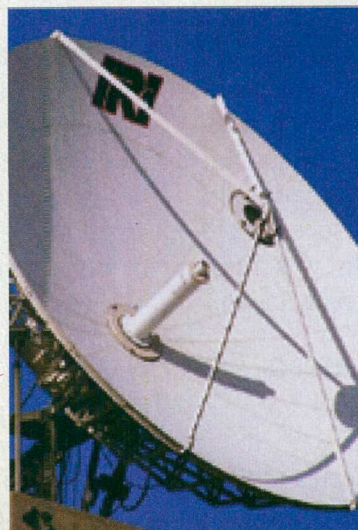
O emissor é coletivo. Com exceção do livro, produzir jornal, revista, TV, etc. é trabalho comunitário. Ora, o receptor só dei-

xará de correr o risco de ser manipulado pelo emissor na medida em que ele também for coletivo.

Censura à parte, a proposta das deputadas Sandra Starling e Martha Suplicy, de controle da mídia, sobretudo da TV, pela sociedade, deve significar formação de receptores coletivos. Era o que faziam os cines-clubes dos anos 50 e 60. Ajudavam-nos a ter olho crítico diante dos filmes e ensinavam-nos a apreciar as obras de arte.

Assim como nas escolas há disciplinas que introduzem os alunos à leitura, é hora de introduzir também as que formem como telespectador. TV é algo demasiadamente sério e poderoso para ficar por conta só dos emissores. Então, ficará mais fácil entender por que tudo que é divulgado não é necessariamente divulgável e, infelizmente, por que tudo que é

divulgável não é necessariamente divulgado. Abrir-se-á o diálogo entre o emissor e o receptor. O emissor, como sem-orelhas, ganhará ouvidos. E o receptor, como sem boca, ganhará voz. E a sociedade ficará mais democrática.



## Contextualização

Se a transmissão da informação supera tempo e espaço, o mesmo não se dá na recepção. É limitada a nossa capacidade de assimilação. E mais ainda a de compreensão. O carrossel de imagens descontextualiza a notícia. Vemos a bolsa de valores de Seul, mas nem sempre temos idéia da localização daquela cidade no mapa. Sabemos que na Lapônia faz muito frio, e as renas são mortas a caçadas, mas vacilamos quando se trata de localizá-la. Temos dificuldade de distinguir, na mídia, o falso do verdadeiro e o essencial do acessório. As imagens das pessoas desastradas, exibidas pelo

Wiener, fundador da cibernética, dizia: "O homem moderno sabe fazer, mas não sabe compreender". Ora, sem compreensão a arte vira diversão; a cultura, entretenimento; a notícia, panacéia; o texto, enfadonho (daí os jornais tenderem a menos textos e mais fotos e ilustrações).

Há pouco, um americano calculou que um cidadão novaiorquino, envolvido em sua rotina de locomoção diária, mais a mídia doméstica, é bombardeado por cerca



de 8.000 apelos publicitários num mesmo dia. *Se non è vero, è ben trovato*. E ainda indagamos quais as causas do estresse.

A crítica de Wiener lembra a perplexidade do profeta Isaías, no século VI a.C.: "Vistes muitas coisas sem lhes dar atenção, tivestes os ouvidos abertos sem escutar" (42,20). Temos os fatos

às claras, mas carecemos de recursos para contextualizá-los e discerni-los. Assim como o televisor é um aparelho neutro, que tudo projeta, o telespectador é induzido a ser também um receptor neutro, insensível ao que recebe através da razão, porém emocionalmente moldável.

Alfred Gorsser publicou, em 1959, o livro *Hitler, a imprensa e o nascimento de uma ditadura*. É uma análise de notícias extraídas de duas centenas de jor-

nais europeus e americanos, entre 1932 e 1933. Todos registram, sem nenhum acento crítico, a gloriosa ascensão de Adolf Hitler! Afinal, ele tinha ódio aos comunistas, prometia resgatar o orgulho alemão (combalido após a Primeira Guerra), acabar com o desemprego e fazer da nação uma grande potência. Raros homens públicos, como Churchill e o teólogo Karl Barth, atinaram para o perigo. Mas os leitores daqueles jornais achavam tudo tão interessante quanto milhões de brasileiros, meio século depois, diante da eleição de Collor e do confisco das cadernetas de poupança.

(continua no próximo número.)



Faustão, são reais ou encenadas?

Temos o dado, mas falta a contextualização do dado (onde? quando? como? por quê?). Faltam-nos recursos para interpretá-lo. Ou será que os emissores preferem que haja cada vez mais indução e menos interpretação?

## Apurar o senso crítico

Quanto mais pletórica a informação, mais superficial. Norbert



Frei Betto é escritor e autor dos romances *O Vencedor*, e *Alucinado Som de Tuba (Ática)*, entre outros livros.





# Junho, Juno e juninas

*João Batista Libânio*

**M**aio é o mês dos “Ms”. Junho dos “Js”. Maio, mês feminino, de ternura e de beleza. Junho tem o duplo toque do feminino e masculino.

No mundo pagão, Junho é consagrado à deusa Juno. É a deusa feminina por excelência. Cada mulher tem sua “juno”, para protegê-la em todos os momentos de sua vida. Na juventude virginal, no casamento, na vida conjugal, no parto, na maternidade, etc.

Mais tarde, Juno amplia de muito suas funções. Ascende à tríade oficial de protetora e conselheira do Estado juntamente com Júpiter e Minerva. Filha de Saturno e esposa de Júpiter, esta deusa romana foi identificada com a deusa grega Hera. É o lado feminino e pagão de junho.

Assiste-se agora a um ressurgir do paganismo. Obras sérias são escritas sobre os deuses e deusas. Eles voltam à baila. Não se trata simplesmente daquele paganismo que os pregadores moralistas dardejaram do púlpito. Paganismo identificado com materialismo e hedonismo. Há um esforço de redescobrir o significado antropológico de muitos dos deuses e deusas. Não foram criações nascidas unicamente do nosso pecado e da corrupção. Como toda realidade criada, os deuses e deusas traduziam experiências humanas das pessoas daquela época.

Diante desse fato, nós, cristãos, que somos pós-pagãos, devemos aprender a discernir. Não tem sen-

**Esse lado feminino de junho, que o paganismo celebrava, pode ser retido por nós, sem prejudicar em nada nossa fé. Juno não é deusa. Juno é expressão da feminilidade.**



tido regredir ao culto dos deuses. Jesus nos redimiu e nos revelou a verdade trinitária de um único Deus verdadeiro. Os deuses, já não mais vistos como divindades, mas sim como expressões de experiências humanas profundas podem ser recuperados numa visão cristã. Pois, o cristianismo, por razões históricas inteligíveis, ao repudiar os deuses, jogou fora a água suja, a bacia e a criança. A água suja da divindade falsa deve ser deitada fora, a criança dos va-

lores recalçados pode ser conservada. Esse lado feminino de junho, que o paganismo celebrava, pode ser retido por nós, sem prejudicar em nada nossa fé. Juno não é deusa. Juno é expressão da feminilidade que atravessa todas as experiências humanas verdadeiras.

Junho, por sua vez, no mundo cristão é um mês marcado pela figura severa e máscula de S. João Batista. João Batista, representado, em geral, pela iconografia cristã, com rosto sério, cabelo e barba hirsutos, olhar fulmíneo, está a irradiar o juízo de Deus sobre o mundo. É a voz que clama no deserto. Não habita palácios, mas o deserto, não traja roupas finas, e sim pele de camelo. Não se delicia com manjares finos, mas come gafanhotos e mel silvestre. Não é nenhum caniço agitado pelo ar. É rocha firme. Mais que profeta, anuncia o joeirar da história, o queimar da palha. Aponta para o machado prestes a derrubar a árvore seca do incréu. Pregador exigente na partilha na túnica, do alimento. Na sua rudeza, revela uma fidelidade ao Messias a toda prova. Humilde, não é digno de desatar-lhe a correia. Silencioso, ouve e alegra-se com a voz do esposo-Messias. Termina diminuindo-se pela decapitação, enquanto o Messias é exaltado na cruz.

João Batista, corajoso, destemido, surge hoje como exemplo de ousadia ao enfrentar o poderoso Herodes, repreendendo-lhe a desonestidade e não capitulando-

se na bajulação fácil da corte.

Ao lado de João Batista, avultam S. Pedro e S. Paulo, que formam o tríptico hagiográfico sério e severo do mês. Os três morrem derramando o sangue na fidelidade absoluta à missão. Pedro, intempestivo e ardoroso, depois da traição, sulca seu rosto com rios de lágrimas de arrependimento, transformando-se no humílimo primeiro Papa até morrer numa cruz, invertida, por não achar-se digno de morrer na mesma posição que Jesus.

Paulo é um tufão apostólico. As marcas de sua missão ficarão na história. Suas cartas estão aí a iluminar-nos até hoje, provocando-nos à ousadia da liberdade dos filhos de Deus.

A Juno pagã e os santos cristãos configuram um mês de junho equilibrado pela ternura feminina e pela firmeza varonil. A tradição católica, às vezes severa na sua expressão dogmática, conseguiu, na prática, esse equilíbrio. Para nosso imaginário religioso, o mês de junho é pontilhado de fogueiras. Ao lado da austeridade dos santos celebrados, estão as festas juninas. Elas já constituem nosso universo religioso e folclórico.

Junho deixa-nos, portanto, a mensagem da suavidade de Juno e a coragem impetuosa e fiel da tríade João, Pedro e Paulo, equilibrada pelas festas juninas.



João Batista Libânio é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor de Teologia e Diretor na Faculdade de Teologia do CES, Belo Horizonte, MG

# Fraternidade a serviço da

**Q**uando falamos em educação logo pensamos na escola. E às vezes só pensamos na escola. E ainda às vezes só pensamos na professora e no professor, na aluna e no aluno. Como se educação fosse só escola e como se a escola fosse só professores e alunos...

Educação é mais e é sempre!

A escola (o colégio, a universidade) é lugar e tempo básico para a educação, certamente. E da preparação e dedicação dos professores(as) assim como do interesse e aplicação dos alunos(as) depende em grande parte a educação. Porém a educação é mais e é de todos nós.

Pai e mãe, em primeiro lugar; porque a família é a primeira, a mais indispensável escola da vida. A vizinhança. A comunidade eclesial. Os meios de educação. As companhias. A sociedade como um todo. Tudo educa ou deseduca. Tudo forma ou deforma nossa cabeça, nosso coração, nossos costumes. Assim como vamos respirando e crescendo, vamos nos educando ou deseducando. Bem do início da vida. Dizem os entendidos que os dois primeiros

**A educação é mais e é de todos nós.**

**Pai e mãe, em primeiro lugar; porque a família é a primeira, a mais indispensável escola da vida. A vizinhança. A comunidade eclesial. Os meios de educação. As companhias. A sociedade como um todo.**

**Tudo educa ou deseduca. Tudo forma ou deforma nossa cabeça, nosso coração, nossos costumes.**

anos da existência de uma criança marcam a vida toda dela...

“Já me formei”, se diz quando se termina um grau de estudo. Não é bem assim. Ninguém acaba de se formar em vida, sem-





# Palavra e Educação Vida e da esperança

*Pedro Casaldáliga*

pre está se formando. (A formatura mesmo é a morte e a entrada na luz e na paz de Deus para sempre!)

Estudar sempre, ler sempre, abrir sempre os olhos à realidade, ouvir as lições da vida e da experiência, aprender da Natureza e da História, acolher a Palavra de Deus receber a luz de seu Espírito, fazer de Jesus o Mestre, o Caminho, a Verdade... Isso é se educar, como alunos(as) da vida, alunos(as) do Reino.

Agora; é evidente que a *Campanha da Fraternidade/98* quer insistir na Educação da escola, do colégio, da universidade. Nessa educação que não anda muito bem no nosso Brasil. Por falta de uma verdadeira política educacional. Porque o salário dos professores em geral é miserável e as estruturas dos colégios são muito deficientes. Porque a situação econômica e social de muitas famílias impede a educação em casa e não permite a educação na escola. Porque há muitas forças e interesses que deseducam sistematicamente: certos Meios de Comunicação sobretudo. (Brincando e falando sério, pergunto, às vezes, às turminhas do primário se conhecem um aparelho que faz bestas e preguiçosos...).

Há dinheiro no Brasil para pagar os juros da dívida externa, que nos enforcam; há dinheiro para

multiplicar no país as armas sofisticadas; há dinheiro para os salários escandalosos de certos governantes; há dinheiro para o luxo, a suntuosidade e o esbanja-



mento... mas não há dinheiro para a educação!

Muito oportunamente a Oração da Campanha da Fraternidade nos ensina a pedir a Deus que saibamos “organizar um grande mutirão a serviço da vida e da esperança, conscientes de que a Educação é urgência nacional e que, sem ela, a sociedade não pode mudar”. Falta de Educação adequada se traduz com frequência em miséria, violência, desajuste familiar e social. Um povo bem educado — com tudo o que a educação significa, que

não é só livros e técnica, não! — pode ser muito mais facilmente um povo feliz.

Os professores e professoras (heróicos professores e professoras do nosso sertão, particularmente), firmes no serviço e na reivindicação de seus direitos. Os pais e mães, fiéis à sua missão de primeiros educadores. As autoridades, vergonha e responsabilidade. E cada um de nós, vontade mesmo de nos educarmos e de educar sempre; entusiasmo para aprender; disponibilidade para organizar em nossas cidades e em nossas comunidades tudo aquilo que se refira à educação, à leitura, à formação integral. Esse “mutirão” que pedimos na Campanha da Fraternidade deve ser de todos e de todas e no dia a dia da caminhada.

A Campanha da Fraternidade sobre a Educação há de ser uma campanha de sempre.

O Mestre não vai faltar. Não faltamos nós, irmãs, irmãos, no aprendizado da Vida, no discipulado do Evangelho.



*Pedro Casaldáliga é Bispo de São Félix do Araguaia, MT. Escritor e poeta. Faz parte de sua produção evangelizadora livros, artigos, conferências, discos cassetes, roteiros de filmes e de vídeos.*

# Pedro, vigário de Cristo

## “Pedro, tu me amas?” (Jo 21,15-18)

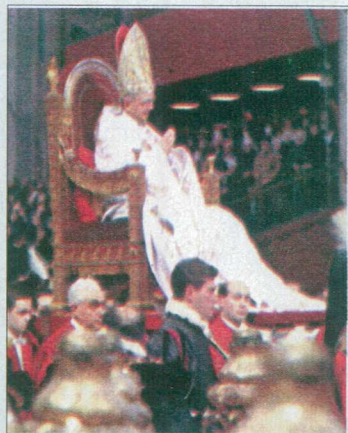
**E**m junho comemora-se o Dia de São Pedro, mas, na nossa liturgia, 22 de fevereiro é o Dia da Cátedra de São Pedro. Talvez não se perceba o grande sentido disto. Vamos analisar a palavra “cátedra”, a qual deu origem ao termo “catedrático”. No português popular ela foi se modificando: *Cátedra* — *Catedra* — *Cadeira*.

O catedrático é aquele que ocupa a cadeira; e a catedral é a igreja da cadeira. Em latim existem duas palavras que equivalham a cadeira: “cátedra” e “sedes”. “Sedes” significa “onde alguém se senta”; “sedere” quer dizer “sentar-se”. Daí surgiu a palavra “sede”. É *Cadeira*, onde alguém se senta; ou o *Lugar* onde alguma entidade se assenta.

Na transição da língua latina para o nosso vernáculo a palavra “sede” foi perdendo o “d” intervocálico, e terminou ficando apenas “sé”. Então, quando eu digo; a Sé de Olinda, significa a Cadeira de Olinda; quando eu digo: a Catedral de Olinda, significa também a Cadeira de Olinda. Tanto Sé como Catedral, é sempre o lugar onde se assenta a autoridade eclesiástica. Tanto faz chamar Santa Sé como Santa Cátedra; Santa Sé é Santa Sede, a Santa Cátedra da autoridade da

Igreja, ou seja, a Santa Cadeira.

Quem já foi à Basílica de São Pedro, em Roma, deve ter notado uma coisa muito interessante. A igreja é em forma de cruz; no transepto (aquele lugar que fica exatamente no meio da cruz, o ponto de cruzamento), está o



baldaquino do altar principal, chamado de “altar da confissão”, porque está em cima do túmulo de São Pedro. Ele confessou a sua fé até o martírio. Seria de se esperar que, no topo da cruz, no fundo da igreja, estivesse a imagem do Pai-droeiro. Entretanto, não é a imagem dele que encontramos; o que está lá, em grande evidência, é a *Cadeira* de São Pedro; a *Cátedra*.

Trata-se de uma cadeira de braços, monumental, toda em bronze, obra de Bernini, um dos grandes escultores da Basílica do Vaticano. Esta cadeira está lá no alto, cada uma de suas pernas sustentada por um dos quatro maiores doutores da Igreja no ocidente: São Jerônimo,

Santo Agostinho, Santo Ambrósio e São Gregório Magno.

Esta expressão: “a Sé” “a Cadeira”, é antiga. O próprio Jesus expressa-se assim: “Na Cátedra de Moisés sentaram-se os escribas e os fariseus. Portanto, fazei e observai tudo quanto vos disserem” (Mt 23,2). Embora não nos conste que haja em algum lugar uma cadeira que tenha pertencido a Moisés, ela é o símbolo de todo legislador. Portanto, simbolicamente, há uma cadeira de Moisés.

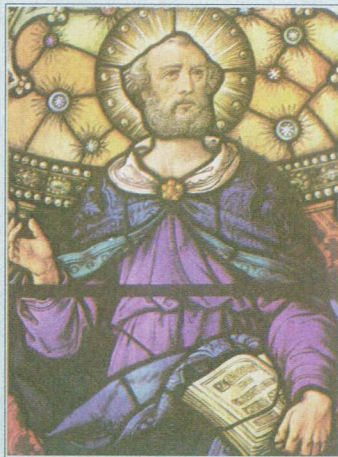
Enquanto vigorava a Lei Antiga, a Cátedra era de Moisés. Com a Nova Aliança, a Cátedra passou a ser de Cristo. Mas Este colocou Pedro em Seu lugar. Nela sentaram-se todos os sucessores de Pedro.

Graças a Deus, pelo menos com referência a Pedro, sabemos que não foi dirigido a ele aquilo que Cristo falou acerca dos fariseus:

“Fazei e observai tudo quanto vos disserem. Mas, não os imiteis!” Digo isto porque o próprio Pedro, em sua primeira Carta, fala de uma maneira muito bonita:

“Aos presbíteros que estão entre vós exorto-vos eu, que também sou presbítero

como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo” (1Pd 5,1). En-





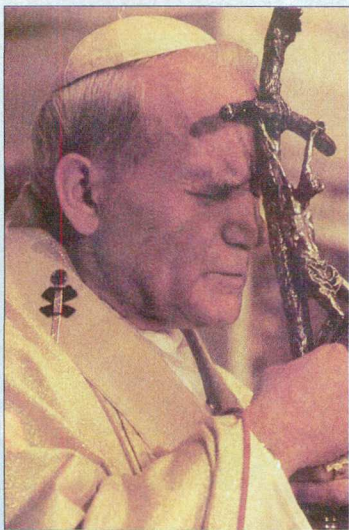
# e modelo de cristão

*Geraldo Araújo Lima*

tão Pedro é uma testemunha dos sofrimentos de Cristo. Ser testemunha é ser imitador de Cristo, participante dos Seus sofrimentos “e da glória que há de se revelar”. Logo a seguir, ele acrescenta algo ainda mais importante:

“Apascentar o rebanho de Deus que vos foi confiado, cuidando dele, não como por coação mas de livre vontade, como Deus o quer, nem por ganância, mas por devoção, nem como senhores daqueles que vos couberam por sorte, mas antes como *Modelos* do rebanho” (1Pd 5,2-3).

Três coisas convém destacar neste *apascentar o rebanho*: 1) como Deus o quer; 2) por devoção; 3) como modelos. É só desta maneira que alguém po-



derá ocupar a Cátedra de Cristo, que é a mesma de Pedro. Jesus não veio para fazer a própria vontade, mas a vontade d’Aquele que o enviou. Jesus cuidou do seu rebanho com devoção, ou seja, com dedicação total. Jesus colocou-se como modelo a ser copiado: “Deivos o exemplo para que, como Eu vos fiz, também vós o façais” (Jo 13,15).

É significativo que Pedro diga isso tudo de forma comprometida, com dedicação, colocando-se

como modelo. Afinal, é o próprio Evangelho de Jesus Cristo que o exige. Pedro não ocupa UMA cátedra; ele ocupa A Cátedra. Para tornar-se catedrático nesta matéria, teve que passar por um teste bem difícil: o teste do amor: “— *Jesus disse a Simão Pedro: “Simão, filho de João, tu me amas mais do que a estes? Ele lhe respondeu: Sim Senhor, tu sabes que te amo. Jesus*

*lhe disse: Apascenta os meus cordeiros. Uma segunda vez lhe disse: Simão, filho de João, tu me amas? — Sim, Senhor disse ele, tu sabes que te amo. Disse-lhes Jesus: Apascenta as minhas ovelhas. Pela terceira vez disse-lhe: Simão, filho de João, tu me amas? Entriste-*

*ceu-se Pedro porque pela terceira vez lhe perguntava Tu me amas? e lhe disse: Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as minhas ovelhas!”* (Jo 21,15-17).

A única condição que Cristo exige de Pedro, e de todo e qualquer pastor é esta. Não exige que Pedro tenha o talento que Paulo tem para pregar; nem o falar elegante de Apolo; nem a intransigente autoridade de Tiago; nem os altíssimos vãos teológicos de João. Não; Cristo não exige nada disso! Exige ape-

nas uma coisa: *Que Pedro o ame*. E quanto mais Pedro O amar, mais ele será da Cátedra, porque é a Cátedra do Amor.

Mas o amor é entrega, e Pedro tem que saber disso. Por isso Jesus acrescenta logo a seguir: “Quando eras jovem, tu te cingias e andavas por onde querias; quando fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te conduzirá aonde não queres” (Jo 21,18). O Evangelho explica que, com esta imagem, Cristo se referia a morte de Pedro. De fato, Pedro também vai morrer crucificado, porque vai amar como Cristo amou. Ele é o Vigário, o “vigário” é o que faz as vezes de outrem. Para fazer as vezes de Cristo, ele tem que caminhar na estrada do amor. Eis porque o episódio termina assim: “Tendo dito isto, Jesus acrescentou: “Segue-me!” (Jo 21,19).

Pedro escreve a sua Carta já durante a perseguição de Nero, na qual foi condenado. Isto lhe confere o direito de falar com autoridade, pois está sendo realmente testemunha e participante dos sofrimentos de Cristo. em suma, Pedro amou como Jesus amou!



*Geraldo de A. Lima é sacerdote, mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade S. Tomás de Aquino, (Roma) e Prior dos Frades Carmelitas (Piedade) Jaboatão do Guararapes, PE.*

# Dos beliscões “de frade” à paixão para alfabetizar adultos

José Carlos Salvagni

**L**ambadas no tra-seiro, cascudos, cocorotes, puxões de orelha, beliscões simples ou “de frade” (mais fortes e ardidados), palmadas, ficar de joelhos horas seguidas em grãos de milho, e palmatoadas com palmatórias de vários tipos. Isso sem contar as surras de diferentes tipos de varas. “Com sangue a letra entra”, acreditavam os alfabetizadores do século passado no Brasil. Essa postura prosseguiu ao longo da primeira metade do século XX em muitos lugares do País. Em razão disso, as crianças — tristes, acanhadas, sem graça — pareciam adultos antes de completar doze anos. “Decorar a tabuada, as regras da língua portuguesa, os dez mandamentos da Igreja Católica, os pecados capitais, os nomes dos reis de Portugal. Nada de ciência, quase nenhuma arte, pouca reflexão”<sup>(1)</sup>, era a ênfase da ação pedagógica.

A estreiteza e a violência resultavam da concepção autoritária e oficialista de catolicismo que vigorava no País. Há quem considere que era fruto também da expulsão dos jesuítas por D. José I, em 3 de setembro de 1759, por orientação do Marquês de Pombal. Eles ocupavam um lugar preponderante no sistema educacional brasileiro e

deixaram um grande vazio. Constituíam baluarte da ordem constituída; tinham influência capital sobre amplos setores da classe dirigente. Sua saída contribuiu para elevar o quadro dos críticos e opositores do regime colonial<sup>(2)</sup>. A escravidão também era um incentivo a esse tipo de concepção violenta do ensino.

Desde a segunda metade do século passado, a educação no Brasil viveu muitas experiências de inovação. Dentre elas, duas se destacam: os novos conceitos que foram trazidos por escolas protestantes americanas, e a apaixonante mobilização para a alfabetização de adultos, nos anos 50 e 60, com destaque no Nordeste, estrangulada pela conspiração que se impôs ao País em 1964.

## O choque inovador protestante

Estudiosos atuais apontam nove defeitos, pelo menos, ao ensino de então. Era autoritário e

vertical, sem participação crítica dos estudantes nas aulas (princípio do “magister dixit”); de caráter memorizador, as aulas quase sempre ditadas, sem preocupação com a assimilação e elaboração pe-

los alunos. Dava enorme ênfase às línguas, literatura, filosofia e história, em detrimento das ciências físicas e naturais. Era excessivamente europeu, pouco relacionado com a realidade brasileira. Tinha excessivo número de matérias (“enciclopédismo”), sem relacionamento en-

tre si. Dava pouca atenção ao preparo dos professores. Mantinha separação rigorosa de sexos nas escolas. A educação tinha pouco sentido prático, sendo o curso secundário elitista, com pouco valor aos trabalhos manuais e às artes industriais. A educação física, quando existia, era precária<sup>(3)</sup>.

Esse quadro passou a ser atacado com a chegada de congregações católicas européias trazendo novos métodos de ensino, incorporando o pensamento e as propostas de educadores inovadores, en-





tre eles o suíço Henrique Pestalozzi, na educação mais geral, e o alemão Augusto Guilherme Frederico Froebel, criador do conceito de jardim de infância (kindergarten), além dos filósofos Jean Jacques Rousseau, João Frederico Herbart e Herbert Spencer. Pestalozzi, preocupado com a educação da população em geral e não apenas das elites, e destacando a importância da família na educação, deixou dois textos práticos: “Leonardo e Gertrudes” e “Cristóvão e Elza”. As idéias mais gerais que lhes são apontadas: 1) simplificar o mecanismo da instrução e do estudo; 2) popularizar a ciência; 3) dar ao espírito uma cultura intensiva e não apenas extensiva, fortificá-lo e não apenas provê-lo; 4) todo o ensino ligado ao estudo da linguagem; 5) fornecer ao espírito, para todas as suas operações, dados gerais, fórmulas ou idéias mães<sup>(4)</sup>. O francês Jacotot, radicado na Bélgica, provocou enorme polêmica por seus métodos e especialmente pelas suas idéias. Seus princípios são conhecidos pelo nome de “paradoxos” e é também interessante citá-los: 1) todos os homens possuem igual inteligência; 2) todos podem ensinar tudo, ainda mesmo o que não sabem; 3) todos têm o poder de se instruir por si; 4) tudo está em tudo<sup>(5)</sup>.

Um importante fator de mudanças na educação brasileira foram também as escolas protestantes, de origem estadunidense, que introduziram práticas e inovações do ensino oficial de seu país de origem. Começaram a se instalar no Brasil a partir da segunda metade do século passado. Impressionaram o governo e granjearam prestígio entre as camadas médias e ricas da po-

pulação pelo conteúdo liberal de seus programas letivos.

Ofereciam educação evangélica, mas restrita aos princípios da moral cristã e protestante, sem propaganda religiosa. Introduziram atitudes liberais em relação a temas como raça, religião e idéias políticas. Atuaram fortemente na formação de professores com a adoção da Escola Normal. Influenciaram tanto que suas propostas foram aproveitadas tanto por governos estaduais como o paulista e pelo próprio governo brasileiro.



Uma das mais representativas desse conjunto de escolas, foi o colégio Mackenzie, em São Paulo (1870), (foto) inicialmente Escola Americana, fundado pela Igreja Presbiteriana de Nova York; hoje, como universidade, continua confessional. Seu assessor jurídico foi nada menos que Rui Barbosa. Sob direção de mulher, suas aulas eram em português, e dizia-se “sem preconceitos políticos”, abrindo-se, assim a filhos de republicanos e abolicionistas, que sofriam restrições nas escolas públicas.

## Preparar cidadãos

A escola substituiu o “decoreba” no ensino primário pelo método intuitivo e valorizou o ensino silencioso para estimular o raciocínio. Encomendou de professores brasileiros de renome a edição de compêndios de ensino, com base nos métodos americanos. Implantou a co-educação (colégio misto), com ingresso de meninos e meninas. Adotou a liberdade social, religiosa e política, sem distinção de raça, religião ou grupo político. Implantou a escola normal, para preparação de professores, com currículo próprio. Trouxe o jardim de infância segundo o sistema de Froebel. Estimulou o espírito associativo entre os alunos. Foi pioneira na instalação de estabelecimento de ensino superior particular no País (escola de engenharia, em 1890). Adotou ainda escola de comércio, com contabilidade moderna (1890) e curso geral de preparatórios (1896), separado por áreas de interesse dos alunos. Abriu cursos técnicos de química industrial e de eletrotécnica. Organizou e adotou a prática de esportes, de forma obrigatória e sistemática, introduzindo novas modalidades no Brasil, como o basquete. Incentivou atividades extra-curriculares (grupo orfeônico, orquestral, teatro, cinema, etc). Montou grande biblioteca, em prédio de quatro andares (1926), com organização moderna com base no sistema Dewey de catalogação<sup>(6)</sup>.

A organização dos cursos desde o primário atribuía ao estudante “responsabilidade sempre crescente, visando levá-lo até o completo domínio de si mesmo”, buscando o “preparo de cidadãos ca-

pazes de agir de conformidade com a razão e princípios de justiça e não sob impulsos interesseiros ou fanáticos”(7).

A direção do Colégio Mackenzie mostrava simpatia pelos movimentos abolicionista e republicano no Brasil, com as teses de separação entre Igreja e Estado, extinção de privilégios da nobreza e do clero, e desenvolvimento da educação popular. Em 1890, o governo de São Paulo tomou a escola como padrão de ensino primário e normal para as escolas públicas estaduais. Em 1932 a escola mostrou simpatia pelo movimento constitucionista paulista, sofrendo retaliações do novo governo federal, que a obrigou a adaptar-se às normas brasileiras de ensino. Com o tempo, o Mackenzie ganhou aura conservadora, anticomunista, tendo ficado famoso o confronto em 1968 entre estudantes da escola e da USP, politicamente à esquerda, na rua Maria Antônia. (foto da p. 15).

O historiador Moniz Bandeira faz uma leitura crítica da chegada das escolas protestantes: “Não havia lugar no Brasil onde os missionários não se fixassem. Os jesuítas fizeram o trabalho de catequese para os colonizadores portugueses, através da religião e do ensino. Os protestantes, para os americanos. A ofensiva religiosa era também um prenúncio da expansão imperialista dos Estados Unidos”(8).

(continua no próximo número)



José Carlos Salvagni é jornalista, criador do pequeno jornal “República” (sobre cidadania e reforma agrária).

# Seca, desemprego e outras misérias

José Geraldo Vidigal de Carvalho

Quando alguns bispos declararam que, empregados todos os meios a seu alcance, uma pessoa faminta pode se apropriar de bens alheios, certo sociólogo afirmou que isto é caso de polícia. É não saber quão horrível é a fome. Quem vive nos gabinetes longe da realidade do povo não pode perceber a angústia e o desespero do faminto, do sedento, do desempregado. Numa visão de auto promoção certos políticos só podem enxergar um Brasil, país das maravilhas! A Igreja que vive no meio do povo e para o povo pode aquilatar o sofrimento do excluído da sociedade pelos ricos e poderosos e sempre ela lutou pela justiça social. Desde o início do cristianismo tal postura foi sempre exigida dos discípulos de Jesus. Os primeiros escritores eclesiásticos pregaram com veemência as máximas evangélicas da caridade. Não apenas aconselhavam a esmola generosa, mas ainda insistiam na importância da promoção inteligente dos deserdados dos bens terrenos, de Cristo para com os pobres. A con-

duta que exigiam dos ricos não era apenas o despojamento do coração, mas aquela privação que conduz à partilha magnânima. A generosidade que salva não é motivada, segundo eles, por um impulso interior, mas por um direito estrito dos pobres. Esta é a conclusão convergente de um grande número de escritos patrísticos. A idéia exposta sob várias formas é única, ou seja, a riqueza deve ser dividida com os mais necessitados. Quem possui bens, é deles, em nome de Deus, o administrador. Bossuet, no século XVII, retomará este pensamento patrístico em suas pregações, mostrando que os ricos são os gerentes dos bens dos pobres. Seu clamor repercutiu nos séculos seguintes. Ele insistia que se visse no indigente um irmão com o qual se deveria ter tudo em comum. Ninguém é dono absoluto do que possui, doutrinava o sábio prelado, pois Deus Todo-Poderoso é que é o Senhor de tudo e, deste modo, o rico deveria fazer o pobre co-participante do que possuía. Aliás a Didaqué, precioso



Manual de Catequese da Igreja no século segundo, pregava uma sábia comunidade dos bens terrenos fundamentada na paternidade divina. Os textos orientais, tão místicos e os documentos ocidentais mais jurídicos prosseguiram na mesma esteira da Didaqué, condenando os avaros. São Basílio assim se expressou: “O que despoja um homem de suas vestes terá o nome de ladrão. E o que não veste a nudez do mendigo, quando pode fazê-lo, merecerá outro nome? Ao faminto pertence o pão que guardas gananciosamente. Ao homem nu, o manto que fica nos teus baús. Ao descalço, o sapato que apodrece na tua casa. Ao miserável, pertence o dinheiro que tu guardas enfiado”. Para deixar bem claro o seu pensamento, São Basílio faz uso de várias comparações e a mais célebre é do teatro, tirada de Cícero. Eis o que diz o Capadócio: “Tu és semelhante ao homem que, reservando uma vaga no teatro, queria impedir os outros de entrar e desejaria gozar sozinho

do espetáculo ao qual todos têm direito. Assim são os ricos, pois dos bens comuns que abarcaram, eles se decretam os donos absolutos”. Imagem de grande precisão, pois patenteia o caráter irracional e iníquo do ambicioso que não se desprende dos bens superfluos. Este priva seus semelhantes de bens que em nada diminuem os seus, mas até os aumenta via participação. Perguntava então São Basílio: “Que espetáculo é este, se assiste só numa sala vazia? Outras expressões basilianas são de grande expressividade, pois até aconselhava aos indigentes: “Vós todos que tendes falta de pão deveis vos dirigir a quem tem”. Explicando o provérbio bíblico que diz: “A sabedoria divina misturou numa taça o seu vinho que alegra o coração do homem” (cf. Pv 9,5; Ec 40,20), ele vê nessa taça a “participação comum e universal de todos os bens: é permitido a todos igualmente abastecer-se lá, cada um segundo suas capacidades e suas necessidades”. São João Crisóstomo pre-

gou a mesma doutrina falando aos ricos: “Não deveis dizer: “Eu gastei o que é meu e gozo daquilo que é meu”. Não: não daquilo que é vosso, mas daquilo que é do outro [...] Esses bens não pertencem apenas a vós: pertencem em comum a vós e a vossos semelhantes, como são comuns o céu e tudo mais”. Santo Ambrósio pensa que quando o rico ajuda os pobres não faz mais do que restituir. Assim escreveu o douto bispo de Milão: “Não é teu o bem que distribuis ao pobre, apenas restituís o que é dele. Por que tu és o único a usurpar o que é dado a todos para uso de todos. A terra pertence a todos e não só aos ricos”. Santo Agostinho lançou esta diretriz: “Cumpra ao rico estar ao lado do pobre, vir sempre em socorro dos infelizes”. É lógico que tais teólogos nunca colocaram em risco o direito, também sagrado da propriedade, firmando o princípio do sétimo mandamento da Lei de Deus que é não roubar. Eles nunca deixaram de louvar os bons ricos, ministros do Altíssimo para ajudar os outros, mas sempre ensinaram que em caso de extrema necessidade os bens pertencem a todos. Veementes, em nossos dias, as declarações de João Paulo II contra a miséria, a fome, a favor dos que são marginalizados ou estão a padecer graves privações, posicionamento firme elogiado até por aqueles que não simpatizam com a Igreja Católica. A Igreja, aliás, ensina que “o supérfluo dos ricos pertence aos pobres”, sentença que certo sociólogo jamais entenderá.



*José Geraldo V. de Carvalho é sacerdote, cônego, professor nos Institutos de Filosofia e Teologia, em Mariana, MG.*



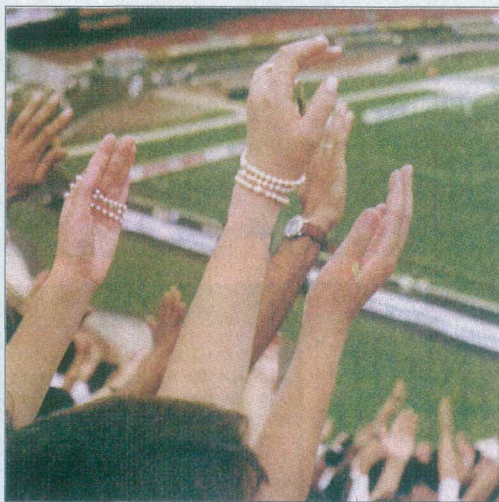
# A parte pelo todo

Pe. Zezinho

Uma jornalista ligadíssima à Renovação Carismática Católica entrevistou-me num desses shows que faço pelo Brasil. Notou a alegria da missa de manhã e, entre muitas perguntas, quis saber se eu era carismático ou se tinha formação evangélica pentecostal. Perguntei o porquê. Disse que só os carismáticos e os evangélicos tem tal alegria nos seus cultos. E disse que esperava que um dia a Igreja Católica virasse carismática, toda ela. Achei que devia esclarecer algumas coisas à irmã entusiasmada.

Gosto da RCC e até creio que a conheço o suficiente para saber do bem que faz na Igreja. Tenho dado muitos shows em benefício da mesma. Não o faria se não acreditasse que é um bem. Mas, disse a ela, uma coisa é a Igreja Católica e outra a Renovação carismática, assim como uma coisa é a casa e outra coisa uma das paredes. A RCC faz parte da Igreja Católica, mas não é toda a Igreja. Há muitos outros pilares igualmente importantes na Igreja que também encham o povo de alegria e festa. Falei das mais de 2.000 congregações e ordens religiosas masculinas e femininas, dos Vicentinos que semeiam o mundo e o Brasil e asilos e obras silenciosas mas eficientes, do Apostolado da Oração com seu exército de gente que ora, e de pelo menos uns 15 movimentos de Igreja que fazem a mai-

or festa quando celebram. Ela estava atribuindo a evangélicos e carismáticos uma virtude que é de todo aquele que conhece Jesus. E, para conhecer não é preciso ser, nem de uma religião evangélica, nem ser carismático. Há muitas maneiras de conhecer Jesus além deles, como também há muitas maneiras de viver uma religião feliz e cheia de paz, mesmo sem a



festa de alguns desses grupos; festa que, de resto, é algo bonito e bom de se ver.

Tenho para mim que o erro de alguns católicos e evangélicos é confundir a parte com o todo. Se admiram alguém, logo acham que é deles. Deveriam aprender a admirar outros grupos de sua igreja que são tão fiéis e felizes quanto eles, mesmo se o aleluia soe diferente. Há muitos carismas na Igreja e nem todos os que receberam carismas fazem parte da Renovação carismática, por mais que a admirem. Deus encheu sua Igreja de

carismas. Alguns resolveram fazer parte de um grupo que os ajuda a viver melhor. Mas o grupo tanto pode ser RCC como alguma outra experiência de Igreja. Ela não entendeu porque tornou a perguntar porque então alguns padres são tristes e sérios demais. Respondi que era pela mesma razão porque alguns membros da RCC ou de grupos evangélicos que ela elogiou também são sérios demais e frios.

Não é o movimento em si que faz alguém alegre, mas o indivíduo que achou na fé a sua motivação. Carimbos e rótulos não fazem um cristão. Há gente linda por toda a parte e todos os grupos de Igreja produzem os seus santos alegres e felizes e os seus santos mais comedidos, como às vezes produzem os seus fanáticos que não admitem nada melhor do que eles na Igreja e na História.

É bom ser parte da Igreja por menor que sejamos. Não é bom achar que toda a Igreja vai pensar e orar como nós oramos. Felizmente não. No futuro vai haver gente bem melhor do que nós e os nossos movimentos e grupos de agora. Não estamos com essa bola toda!



Pe. Zezinho, José Fernandes, é sacerdote da Congregação "Sagrado Coração de Jesus", escritor, compositor, cantor e conferencista.



# Virtudes enlouquecidas

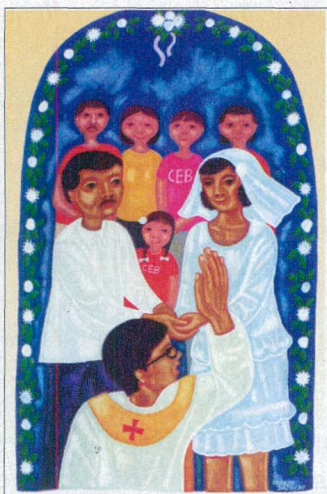
Isidoro De Nadai

**N**ossa época é caracterizadamente irracional. A racionalidade não está em crise. Faliu!

Em épocas assim, escasseiam nas prateleiras do espírito os artigos mais essenciais, que são o equilíbrio e a sabedoria.

O Concílio Vaticano II nos ensinou que Deus nos quer parceiros seus na construção de um mundo mais justo e fraterno. Muitos padres jovens, na época, e muitos leigos, inclusive eu, nos dedicamos com a descoberta e nos dedicamos com afincos à nobre missão.

Não demorou muito, porém, e surgiram teólogos e agentes de Pastoral que, ao invés de unir essa visão antropológica e social à visão transcendental e eterna, julgaram que deviam ficar exclusivamente naquela. Empolgaram-se tanto com as teses sociológicas, que acabaram se esquecendo das verdades eternas do Evangelho. Na ânsia de transformar o mundo, adotaram as cartilhas revolucionárias, sem discernir se não se opunham à essência do Evangelho. Por incrível que possa parecer, alguns chegaram a justificar os paredões de fuzilamentos, os *gulags*, as cortinas de ferro e de bambu, o muro da vergonha!...

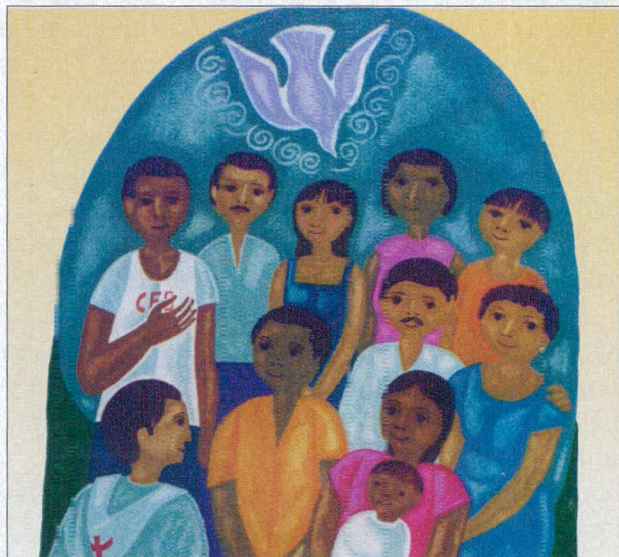


Em grande parte, por causa desse equívoco, a gente começa a perceber, com inquietação e temor, que a Igreja está sofrendo a tentação de outra vez abandonar o mundo à sua própria sorte — ou azar — o que seria um equívoco maior.

Tornamo-nos incapazes de unir contemplação e ação, oração e luta. E, no entanto, a sabedoria consiste exatamente em que ambas se abraçam e se tornem fecundas.

Nessa mesma falta de lógica, as Comunidades Eclesiais de Base, grande esperança de uma Igreja viva e participante, se viram assaltadas por mil táticas que tudo fizeram para transformá-las em células político-partidárias, presas fáceis de ideologias e grupos que pretendem instrumentalizá-las. Então se pode esconder que boa parte delas caiu na armadilha.

Quase como um contraponto à sociologização de muitas Cebes, surgiram movimentos espiri-



tualizantes, que pretendem trazer o suplemento de contemplação que falta lá. Mas, aqui também se faz presente a falta de sabedoria e equilíbrio, e muitos se entregam a uma pretensa conversão puramente interior, que não ultrapassa o limiar dos bons sentimentos, das emoções.

Depois de longa e dolorosa caminhada sob o sol causticante de uma visão de um Deus que castigava e infundia medo, a Igreja nos fez redescobrir a doce experiência — tão evangélica — de um Deus de ternura, Deus irmão. Fois bem, nosso mundo irracional, incapaz de fazer as distinções mais simples e fundamentais, começa a confundir o Senhor com qualquer criatura humana e o identifica apenas como o “cara lá em cima”.



Isidoro de Nadai é sacerdote, missionário claretiano

# São Justino

**A**o se falar de mártir pensamos naqueles cristãos que morreram pela fé no Cristo e na Igreja. Testemunhar a fé ou concretizar valores evangélicos (amor, justiça, igualdade, respeito à dignidade do ser humano, etc.) resultava em perseguição e maltratos nos primeiros séculos da vida da Igreja. Aos poucos, os cristãos quiseram evangelizar o mundo, e neste contexto de perseguição (século I ao IV), é que se desenvolveriam as apologias, ou seja, escritos que visavam a defesa da doutrina cristã e da Igreja, diante dos perseguidores. Foi uma tentativa de apresentação da doutrina cristã no quadro da cultura helênica, refutar as acusações injuriosas que se levantavam con-

tra os cristãos pelos sábios e pelos populares. Disso tudo conhecer o que os pagãos pensavam da Igreja. Além de defender as reações contra a Igreja e justificar a fé dos cristãos, procuravam mostrar as fraquezas e incongruências das religiões pagãs. (Cf.: Figueiredo F. A., Curso de Teologia Patrística I, Vozes, Petrópolis 1986, pg. 99). Conhecemos vários apologistas; Quadrato, Aristides Taciano, Aristo de Pela, Melitão e, o príncipe dos apologistas, Justino, santo e mártir.

Justino nasceu pagão, no ano de 103, em Siquém, na Palestina. Depois de passar parte da vida buscando a verdade nas escolas filosóficas de seu tempo (estoicismo, pitagorismo, aristotelismo,

platonismo), descobre no Cristianismo a essência da verdade que tanto buscara. Aos 30 anos, num momento de reflexão filosófica a beira-mar, partilhando sua amargura com um ancião judeu-cristão, este lhe diz que não encontraria resposta alguma nas filosofias deste mundo e somente voltando-se para o Deus de Jesus Cristo ele poderia entrar em contato com a verdade, a partir do auxílio divino. Assim, ele encontra o Cristianismo, não a partir da pregação missionária, mas na busca da verdade. Dirige-se para Roma, centro do Império, onde fundará uma escola de catequese, em sua casa, com o nome de "Filosofia Cristã", e "Seu desejo é mostrar que, o que é buscado por todas as filosofias

## João Fischer (1469-1535) e Tomas

**O** século XVI foi difícil para a Igreja. Nele aconteceu o cisma protestante que abalou as bases do Cristianismo. Com o movimento iniciado por Martinho Lutero, em 1517, em vários países, os princípios luteranos vão desestabilizando a organização eclesial medieval. Na Inglaterra também haverá um cisma com as mesmas motivações do movimento luterano. O rei Henrique VIII (1491-1547) motivado por interesses políticos (liberdade dos impostos eclesiásticos e influência do Papa nos seus territórios) e pessoais (nulidade religiosa de seu matrimônio legítimo com Catarina de Aragão para que pudesse contrair um segun-

do matrimônio, com Ana Bolena) separou-se de Roma tornando-se chefe temporal da Igreja Anglicana. Muitos católicos não concordaram com as atitudes ambíguas e interesseiras do rei e permaneceram fiéis à Igreja Católica, mesmo que presos e alguns martirizados, como João Fisher e Tomas Morus.

João Fisher "era arcebispo de Rochester e provavelmente a maior figura da Igreja inglesa de seu tempo: asceta e sábio, seu ideal era a Reforma da Igreja por dentro, dando pessoalmente o exemplo... Com o divórcio do rei, não duvidou em denunciá-lo" (Cf.: CONTI S., *O Santo do dia*, Vozes,



Petrópolis 1990, pg. H 268-269). Ficou preso cinco anos. Antes de ser decapitado foi nomeado cardeal pelo Papa Paulo III.

Duas semanas após a morte de Fisher, era martirizado Tomas Morus, leigo cristão, pai de quatro filhos e grande humanista inglês. Membro do Parlamento, diplomata, escreveu várias obras. Com o divórcio do rei Henrique VIII se demite, não aceitando as-

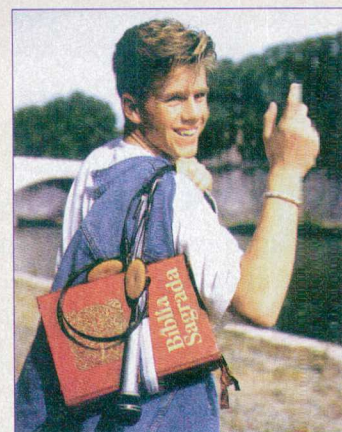


## mártir - 1º de junho (103-165)

de seu tempo, o encontro do homem com Deus, se realiza plenamente na doutrina cristã” (ib. pg.117). Escreveu inúmeras obras, com destaque para o *Diálogo com Trifão* (obra que introduz a polêmica antijudaica na literatura cristã) e as duas *Apologias* (escreve aos imperadores Antonino Pio e Marco Aurélio, ao Senado e ao povo romano justificando a existência do Cristianismo e, ao mesmo tempo, mostra como era a vida dos cristãos e traz informações sobre a vida litúrgica cristã). Denunciado por um filósofo que era seu opositor, Justino foi condenado a morte com mais seis companheiros, em 165, período da grande perseguição de Marco Aurélio (161-180).

Hoje em dia, com tantas filosofias, falsas verdades, ideologias ambíguas, em que o efêmero se torna norma e o absoluto é relativizado, a Igreja e o mundo precisam de cristãos e cristãs capazes de fazer uma verdadeira Teologia e sabiam defender os conteúdos da *Única Verdade*, Jesus Cristo. Por isso, São Justino é para nós modelo de:

- quem busca a verdade e não se acomoda até encontrá-la;
- quem encontra no Cristo a verdade e se entrega totalmente;
- quem dialoga com seu mundo e a cultura de seu tempo;
- quem não tem medo de expor as verdades de sua fé, combatendo e criticando positivamente as falsas ideologias que destroem e corrompem o ser humano.



**Senhor,  
que queres  
que eu  
faça?**

**Nós, paulinos, acreditamos na evangelização com os meios de comunicação.**

**Jovem, se você deseja conhecer melhor a vida e a missão dos Paulinos, escreva para:**

**Centro vocacional paulino  
Caixa postal 173  
95001-970 Caxias do Sul RS  
Tel.: (054) 229.4555**

**Rua das Camélias, 640  
Chácara Primavera  
13087-650 Campinas - SP  
Tel.: (0192) 55.6043**

**Caixa Postal 2534  
01060-970 São Paulo - SP  
Tel.: (011) 810.3742**

## Morus (1477-1535) 22 junho

sinar o ‘Ato de Supremacia’, pelo qual o rei assumia a frente da Igreja na Inglaterra. Antes de morrer decapitado declara o seguinte: “Sede minhas testemunhas de que eu morro na fé e pela fé da Igreja Católica, morro fiel servidor de Deus e do rei. Rogai a Deus a fim de que ilumine o rei e o aconselhe. Numa época de tantas deserções covardes, passou à história como “o homem que não vendeu sua alma”. (Cf. ib., pg. 269).

O mundo hoje precisa de gente forte, capaz de lutar contra os que defendem interesses econômicos e políticos de grupos minoritários, sedentos de poder. Precisamos de líderes religiosos e

leigos que, como João Fisher e Tomas Morus, sejam modelos de:

- autenticidade, fidelidade à verdade e ao plano de Deus;
- pessoas que, pela vida que levam e da partilha do conhecimento, testemunhem a fé cristã e a vida eclesial, assumindo até as últimas conseqüências a opção do seguimento a Jesus;
- cristãos que não se deixem levar pelo jogo de interesses e poder que domina, muitas vezes, a vida social, política e econômica do mundo conduzindo à opressão, discriminação e marginalização;
- cristãos que acreditam em um mundo novo, sonhando e concretizando a utopia do Reino.



# Perseguições sofridas

Ronaldo Mazula

**N**a história das religiões sabemos que várias igrejas sofreram perseguições pelos mais variados motivos. O Cristianismo, desde seu fundador Jesus Cristo, foi uma delas.

Primeiramente, precisamos recordar que o Cristianismo nasceu dentro do contexto político, econômico, social e religioso judaico e romano.

## Motivos porque os judeus perseguiram a Jesus e seus discípulos

- não aceitar a divindade e messianidade de Jesus Cristo;
- não aceitar o caráter de renovação da Lei e das tradições que Jesus Cristo tanto pregou;
- rejeitar o caráter universalista do Cristianismo;
- considerar os cristãos traidores da pátria e da religião judaica.

Quanto aos romanos, eram tolerantes, ou seja, aceitavam todas as religiões, desde que os deuses do Império fossem venerados. Isto demonstra uma grande abertura ao sincretismo religioso.

## Motivos porque os romanos perseguiram cristãos

- os romanos menosprezavam a Palestina e tudo o que viesse de lá;
- os cristãos valorizavam a mulher, a criança, o doente, o pobre, o escravo, os excluídos. Na cultura greco-romana estes segmentos eram menos-

prezados e marginalizados;

- o discurso evangélico é marcado pelo pacifismo, humildade, solidariedade e fraternidade, virtudes estas pouco cultivadas pelos romanos, que acreditavam na força, no poder, na prepotência e no orgulho;

- a atitude pacifista fazia com que os cristãos não se integrassem ao exército, o que era visto como traição e sinal de pouco amor ao Império;

- os cristãos não praticavam o 'culto do Imperador', que ajudava a reforçar a integração imperial através da veneração;

- não praticando o 'culto ao Imperador', eram considerados traidores da pátria e opositores do regime: deveriam ser punidos;

- os cristãos só adoram ao Deus de Jesus Cristo. Segundo a crença romana, os deuses do Império ficavam descontentes, irados e mandavam desgraças (secas, inundações, perda das safras, invasão dos bárbaros, derrotas militares) sobre o Império;

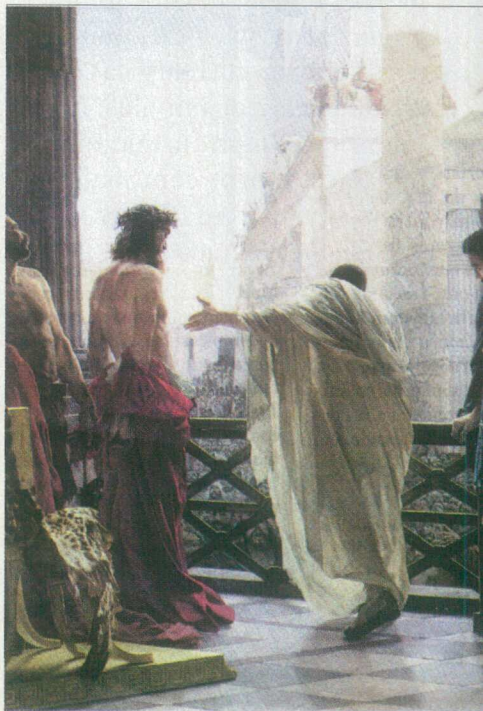
- considerados maus cidadãos por não adorar os deuses, deveriam se emendar ou ser condenados.

## A aversão contra os cristãos é alimentada por calúnias, mentiras infundadas e críticas

- **do povo:** que rejeitava o ateísmo cristão; pensava que o culto cristão terminava em infanticídio (sacrifício de crianças) e orgias;

que os cristãos prestavam culto ao asno e adoravam a um bandido morto na cruz;

- **dos intelectuais** (Celso, Porfírio): que acusavam os cristãos de ignorantes, pretensiosos e maus cidadãos; questionam a doutrina cristã (a encarnação de Jesus Cristo é um absurdo; a res-



surreição dos corpos é uma mentira; Jesus foi um pobre homem que copiou a doutrina de outros líderes religiosos; o Deus pacífico dos evangelhos está em contradição com o Deus guerreiro do Antigo Testamento; o batismo fomenta os vícios; a eucaristia é um rito antropofágico — acreditava-se que os cristãos comiam carne humana sacrificada).

À estas acusações vários cris-



# pelelo cristianismo

tãos tentavam defender a doutrina e a prática cristã. Surgem as famosas 'apologias' — escritos de defesa do Cristianismo ante todos os seus críticos; vários apoíogetas surgiram (Justino, Melitão de Sardes, Atenágoras, Quadrato, Taciano, etc).

As apologias não surtiram efeito imediato; as perseguições romanas continuaram. Para situá-las no contexto eclesial, usou-se os nomes dos imperadores.

- Nero (54-68)
- Domiciano (81 -96)
- Trajano (97- 117)
- Adriano (117-138)
- Antonino Pio (138-161)
- Marco Aurélio (161-180)
- Comodo (180-192)
- Sétimio Severo (192-211)
- Maximino Trácio (235-238)
- Décio (249-250)
- Valeriano (253-260)
- Diocleciano (284-305).

Nem todos os imperadores perseguiram os cristãos, havia relativa paz nas comunidades cristãs. Segundo alguns cálculos, somados os anos de perseguições aos cristãos, chega-se a um total de 129 anos.

As perseguições cessaram com o Edito de Tolerância, dos imperadores Constantino, Galério e Licínio, no ano de 311. Neste edito os imperadores recriminam os cristãos pela desobediência diante das lideranças romanas; permitem a prática da religião e pedem

as orações cristãs para os imperadores e prosperidade imperial.

É impossível calcular o número de vítimas, alguns afirmam que foi em torno de 100 mil e outros 10 milhões, o que é impensável. É claro que não devemos falar só dos mártires (testemunhas) que morreram pela fé, mas também dos que foram torturados, desterrados, dos que tiveram seus bens confiscados, etc. Entre as vítimas das perseguições citamos grandes santos e santas da Igreja: Pedro, Paulo, Flávia Domitila, Inácio de Antioquia, Simeão de Jerusalém, Policarpo de Esmirna, Justino, Blandina, Cecília, Inês, Perpétua e Felicidade, Ponciano, Antero, Fabiano, Lourenço, Eulália, Sebastião, etc.

O influxo das perseguições na vida da Igreja foi negativo (dificultou a organização e expansão eclesial; os apóstatas e relapsos deram maus exemplos; os cristãos foram menosprezados e marginalizados). O lado positivo: os mártires, são considerados uma riqueza eclesial; as perseguições fizeram com que aumentasse o fervor e a piedade cristãs; o martírio se tornou ideal de santidade para os cristãos; os mártires eram admirados pelos pagãos, gerando muitas conversões para a Igreja.

A Igreja sempre se orgulhou e valorizou seus mártires, pois eles testemunham a fé cristã e o compromisso da construção do Reino. São sinais de que o Evangelho do Reino ainda não é uma realidade palpável no mundo e que a justiça, a solidariedade, a

fraternidade, a verdade e o amor ainda estão longe da vida humana. Os mártires acenam para o valor da verdadeira vida e incomodam todos aqueles e todas as estruturas que não valorizam nem respeitam a dignidade do ser humano, imagem de Deus. Eles nos recordam que a vida celestial futura deve ser o ideal a ser buscado no "aqui e agora" da história humana.

Mártires da fé, do amor e da justiça tivemos na História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea. O mundo precisa destes profetas, ainda mais agora em que os ideais neoliberais e pós-modernos geram tanta exclusão, marginalização, violência, sofrimento e morte.

Alguns mártires da atualidade, dos quais muitos ainda não estão nos altares da Igreja, mas que em pleno século XX foram capazes de dar a vida pelo Reino e pelo próximo, testemunhando a virtude do amor e da justiça: Maximiliano Kolbe, Edith Stein, Rutilio Grande, Oscar Arnulfo "São Romero da América". No Brasil podemos citar: João Bosco Penido Burnier, Ezequiel Ramin, Pe. Josimo, Santo Dias da Silva, Ir. Adelaide, Molinari, Ir. Cleusa Carolina Rody Coelho e tantos outros.



Ronaldo Mazula é sacerdote, missionário claretiano e professor de História da Igreja.

# Ciúme e sedução

Wimer Botura Júnior

**M**arta estava casada há três anos e já tinha dois filhos. Estevão, seu marido, era um empresário bem-sucedido, dedicado à família e perseguia com determinação o objetivo do casal de ter um excelente padrão de vida.

Nos encontros sociais só se falava do empenho e da ascensão de Estevão. A mãe dele estava encantada, o pai radiante, a sogra e o sogro agradeciam aos céus pela sorte da filha, os amigos queriam saber o segredo de seu sucesso.

Marta, ao contrário, era pouco notada. Afinal, ela era simplesmente a esposa e mãe dos filhos de Estevão. Apesar de ter tido a oportunidade de desenvolver sua carreira, deixou de trabalhar para cuidar das crianças e administrar a casa. Andava se sentindo feia, desinteressante e sobrecarregada com os afazeres domésticos e não gostava muito dessa paparicação ao redor do marido. Quando o esposo chegava em casa, no final do dia, ela percebia que ele estava cansado, mas fazia questão de mostrar também o seu. Esta era a desculpa perfeita para o casal não aprofundar uma conversa e interesse sexual.

Marta começou a achar que era dispensável nas dezenas de reuniões, festas e eventos a que eram convidados, devido à sua baixa auto-estima. Estevão não tinha como evitar esses compromissos profissionais, e acabava indo sozinho.

Com o passar do tempo, Estevão quase não parava em casa e

Marta não saía mais. Ele tinha cada vez mais compromissos e ela cada vez menos o que fazer. Estevão foi se envaidecendo e Marta se encolhendo.



Não demorou muito para que ela manifestasse pequenos problemas de saúde e Estevão, por serem pequenos problemas, não deu muita importância. Marta, não se conformando com isso, começou a pensar que o marido deixara de gostar mais dela. Passou até a imaginar que ele estava com outra mulher. Tentou usar os filhos para chamar sua atenção, para ver se ele ficava mais tempo junto à família. Preocupada e tensa, não tinha

mais como manter sua saúde.

Como estava realmente doente e carente, o marido reconheceu que era necessário ficar ao seu lado. Dedicou-se o máximo que podia, mas Marta estava chata, cansativa, desinteressante e queixosa.

Estevão começou a ficar em dúvida. Afinal, ele a amava, amava os filhos e não sabia como evitar que os problemas se agravassem. Sentia-se numa encruzilhada. Deveria preservar o casamento, os filhos ou a profissão?

Este tipo de situação é muito mais freqüente do que podemos imaginar. É muito comum, em casos como os de Marta, o casal fazer o que chamo de contabilidade emocional: um dos cônjuges abandona um plano e, posteriormente, cobra do parceiro a responsabilidade sobre sua frustração. A convivência torna-se difícil, cheia de mágoas e agressões sutis.

A relação ficará ainda mais grave, se o parceiro que se sente em desvantagem adotar algum comportamento que provoque o ciúme. Geralmente, isto se transforma num jogo complexo de poder e sedução.

Existem pessoas que são sedutoras por excelência e não têm pudor algum em manipular os outros com isso. Sabem que têm atrativos e os utilizam para obter vantagens práticas ou psicológicas em seus relacionamentos. Neste caso, o objeto da relação não é o amor e, sim, a disputa: a pessoa (continua na página 27)





## RECEITAS COM MAIS CALORIAS

### *Entrada* *Ovos recheados*

#### Ingredientes

6 ovos  
1 lata de atum  
1 pitada de pimenta  
1 colher/chá de vinagre  
1 colher/chá de manteiga  
cheiro-verde e maionese a gosto  
6 fatias de presunto



#### Modo de preparar

1. Cozinhe os seis ovos. Corte-os no sentido do comprimento, retire as gemas com cuidado e um pouco da clara.
2. Amasse o atum com as gemas, a pimenta, o vinagre, a manteiga, o cheiro-verde e a maionese.
3. Recheie as cavidades das claras e as coloquem sobre uma salada de alface bem picadinha, podendo colocar também 1 fatia de presunto sob cada clara. Regue a gosto com molho para salada.

### *Prato Principal* *Talharini ao molho branco*

#### Ingredientes

1 pacote de macarrão talharini  
100 gr. de manteiga ou margarina  
1 cebola grande bem picada  
noz-moscada ralada  
uma pitada de sal  
pimenta-do-reino  
2 colheres/sopa de farinha de trigo  
6 gemas  
queijo ralado

#### Modo de preparar

1. Cozinhar o macarrão em água com sal.
2. Frita-se, na manteiga, a cebola até murchar bem, coloca-se a farinha de trigo e mexa bem. Coloca-se o leite quente devagar para não empelotar, em seguida as gemas ligeiramente batidas.
3. Cozinhar mais um pouco. Com este creme cobre-se o macarrão da seguinte maneira: num pirex com manteiga, coloca-se uma camada de macarrão e outra de creme.

Por cima rala-se o queijo e cobre-se com a manteiga derretida e a noz-moscada.

### *Sobremesa* *Morangos em taças*

#### Ingredientes

1/2 quilo de morangos frescos  
1/2 xícara de água  
8 folhas de gelatina vermelha  
4 ovos  
300 gr. de açúcar

#### Modo de preparar

1. Limpar muito bem os morangos e bater no liquidificador com a água. Coar em um guardanapo,

espremer bem para tirar bem o caldo.

2. Bater as claras em neve, juntar o açúcar e continuar batendo até se obter ponto de neve, ou seja, formar um suspiro bem firme.
3. Colocar as gemas e bater bem.
4. Acrescentar o caldo dos morangos e a gelatina previamente dissolvida em 1 xícara de água fervente. Misturar bem e distribuir em taças. Levar à geladeira e, quando estiver firme, decorar com Chantilly e morangos inteiros. Servir bem gelado.

## RECEITAS COM MENOS CALORIAS

### Entrada

#### Antepasto de Beringelas (2)

##### Ingredientes

- 3 berinjelas
- 1 xícara/chá de vinagre
- 1 colher/sobremesa de sal
- 1/2 xícara/chá cheiro-verde picado
- 2 pimentões vermelhos cortados em tirinhas
- 1 cebola picada
- 1/2 xícara/chá de azeite
- óregano e pimenta-do-reino a gosto
- 1 colher/chá de erva-doce
- 2 colheres/sopa hortelã picada
- 1/2 xícara/chá salsa picado

##### Modo de preparar

1. Descascar as berinjelas e cortar em tiras.
2. Deixar de molho em água e 1/2 xícara/chá vinagre por meia hora. Escorrer bem e prensar com peso.
3. Cozinhar com água e sal. Escorrer e colocar num refratário oval. Temperar com 1/2 xícara/chá de vinagre restante, sal, pimenta, cheiro-verde, pimentão, cebola, azeite, salsa, hortelã e erva-doce. Deixar curtir por dois dias na geladeira.

### Prato principal

#### Abobrinhas recheadas

##### Ingredientes

- 6 abobrinhas médias
- 300 gr. ricota amassada
- 1 gema
- 1 cebola picada
- 2 colheres/sopa de cheiro-verde picado
- 1 tomate sem sementes picado
- sal e pimenta-do-reino branca
- farinha de rosca
- queijo parmesão ralado



##### Modo de preparar

1. Lavar bem as abobrinhas. Cortar ao meio no sentido do comprimento. Colocar em água fervente e sal por 3 minutos. Não deixar amolecer muito.
2. Retirar com uma colher o recheio das abobrinhas e escorrer bem.
3. Picar e juntar com a ricota, a gema, o cheiro-verde, o tomate, o sal e a pimenta, até formar uma pasta.
4. Rechear as abobrinhas. Colocar em um refratário. Polvilhar com farinha de rosca e queijo parmesão. Levar ao forno médio para dourar.

### Sobremesa

#### Ovos nevados

##### Ingredientes

- 4 claras
- 1 colher/sopa de raspas de limão
- 1 litro de leite desnatado
- 1 colher/chá essência de baunilha
- 1 colher/sobremesa adoçante apropriado
- 2 gemas
- 2 colheres/sopa de maisena

##### Modo de preparar

1. Bater as claras em neve firme com as raspas de limão. Ferver o leite e acrescentar as claras em colheradas. Cozinhar dos dois lados e retirar com a escumadeira. Colocar em um refratário fundo. Coar e juntar as gemas e a maisena dissolvidas em um pouco de leite.
2. Levar ao fogo novamente para engrossar. Apagar o fogo e adicionar a essência de baunilha e o adoçante.
3. Despejar o molho sobre as claras. Deixar esfriar e levar à geladeira.



(continuação da página 24)

quer ter poder e dominar a outra, como se, deixando o outro apaixonado, estivesse evitando uma provável perda do amor. Pessoas que agem desta maneira, na verdade, estão em busca de alguém que as ame e não estão nem um pouco interessadas em amar.

Existe um tipo de mulher, por exemplo, que, por ser muito bonita e sensual, descobre que pode exercer o poder sobre os homens. Vangloria-se e fica até encantada com o que os homens são capazes de fazer para ficarem ao seu lado. No entanto, ela não percebe que, assim como usa, também é usada como uma espécie de troféu. Afinal, sendo objeto de um ciúme puramente narcisista, o que importa é a imagem que ela representa e não a pessoa que é.

Imaginem, então, o tipo de relação entre um homem e uma mulher que estão preocupados somente com a imagem, a sedução e o ciúme. Evidentemente que a qualidade do vínculo entre eles vai ser muito baixa e o preço da fidelidade muito alto.

Vale a pena uma convivência como essa? Os dois estarão gastando o tempo juntos, sem saber nada do outro ou de si. São dois ciumentosos, manipuladores e vítimas da mesma manipulação, ou seja, agem sempre com o mesmo subtexto: eu não faço o que eu quero, portanto você não pode fazer o que eu acho que você quer fazer; e se eu me frustro e suportar, você também pode suportar.

Haja esforço para levar a carga de uma relação deste tipo para frente!



Wimer Botura Jr. é psiquiatra e psicoterapeuta, autor de "Ciúme" (Ed. Roka).

## Enviados a anunciar a paz



14º Domingo do Tempo Comum  
05 de julho de 1998

### PONTO DE PARTIDA

**S**e nesse final de século nos preocupamos com o fim do mundo, o tema não é novo. Muitos já tiveram essa mesma preocupação. Mas o tema principal é mesmo a pregação do evangelho. A lembrança dos atos de Jesus inspirou e continua inspirando as comunidades a partir para a missão.

### 2. LITURGIA DA PALAVRA

1ª Leitura – Dt 30, 10-14

**N**o quarto século antes de Jesus, os israelitas exilados na Babilônia viviam a tristeza de estar longe da pátria. São convencidos a voltarem à pátria, pois lá encontrariam fartura e prosperidade. A realidade do retorno, porém, não foi bem assim: muitas eram as dificuldades. E o povo vacilava entre a esperança e a descrença. A este povo desiludido é enviado por Deus o profeta para confortar o povo e dizer a ele que os dias de luto se acabaram. É uma antecipação daquilo que, um dia, Deus vai realizar. A profecia vale para nós também: é preciso acreditar que as promessas de vida nova vão se realizar e que um mundo novo se manifestará. A comunidade é convidada a ser manifestação dessa esperança.

2ª Leitura – Cl 1, 15-20

**P**aulo, ao encerrar sua carta, resume o tema apresentado aos Gálatas. Refere-se aos que se vangloriavam da circuncisão. Paulo insiste na importância, não dos sinais externos, mas dos internos que simbolizam realmente uma adesão viva a Jesus. Portanto, não a circuncisão, mas a força de dar a própria vida é que constitui o sinal de quem se torna nova criatura em Cristo.

Evangelho – Lc 10, 25-27

**A** mensagem de Lucas quer ser muito mais que uma simples notícia, para ser uma resposta aos questionamentos das comunidades primitivas. A quem cabe anunciar a mensagem de Cristo? O evangelho é para todos ou para alguns somente? Que métodos usar? E se a pregação não for aceita? A resposta é dada pelo evangelho deste Domingo.

O número 72 é simbólico. Lembra a crença da época de que a totalidade dos povos não passaria de 70 ou 72. Ao enviar 72 discípulos, Lucas quer dizer que o evangelho se destina a todos os povos. Os discípulos são enviados dois a dois, para indicar que o anúncio do evangelho é obra da comunidade. Quem fala em nome de Cristo deve estar em comunhão com os irmãos de fé. O objetivo do envio: preparar as cidades e os povoados para a vinda do Senhor. Jesus chega depois dos seus mensageiros, não antes, porque é preciso que as pessoas estejam dispostas a acolhê-lo. A preparação deve começar pelos próprios discípulos. O modo sugerido por Jesus é rogar ao Senhor da messe. A oração que é um pedido de operários para a sua messe, é também uma forma de "treinamento" para os seus discípulos; a oração transforma o apóstolo, transmite-lhe

serenidade e paz interior e o ajuda a perceber a vontade do “Senhor da messe”. O lobo é símbolo da violência e da arrogância. O cordeiro simboliza a mansidão, a fraqueza, a fragilidade. Este animal só consegue salvar-se da agressão do lobo se o pastor intervém em sua defesa. Israel é como um cordeiro cercado por 70 lobos (povos pagãos), diziam os rabinos. Jesus diz aos discípulos que devem ser cordeiros: vigiar para que em seus corações não surjam os sentimentos dos lobos. A experiência mostra que os cristãos, quando assumem outras posturas, fracassam em sua missão. Quanto aos meios de evangelização, os apóstolos devem utilizar o despojamento do poder político, do prestígio e do poder econômico na hora de anunciar o evangelho. A recomendação de não cumprimentar a ninguém pelo caminho indica a urgência da missão. A evangelização começa com o anúncio da paz. Sua eficácia é conseguida mediante o testemunho e a austeridade de vida. É isso que dá credibilidade ao pregador. As palavras devem ser acompanhadas por gestos concretos de caridade: o cuidado pelos doentes, a assistência aos pobres... Quando o evangelho não é aceito, o cristão deve lembrar que deve ser proposto e não uma imposição. Terminada a missão, é hora de revisão junto ao Mestre. A alegria dos discípulos brota da certeza de que a vitória está garantida e o mal começa a ser vencido.

### CONCLUSÃO

O papel do evangelizador é fundamental para que as pessoas acreditem em Cristo. A fé depende da pregação. É necessário, pois, que haja muitos pregadores da palavra de Deus. Esses não devem desanimar, pois a vitória do Reino já

está confirmada. Sua confiança, como cordeiros, está na própria palavra e na força e proteção do pastor. ■

## A vida como herança!



15º Domingo do Tempo Comum  
12 de Julho de 1998

### PONTO DE PARTIDA

**B**uscar a vontade de Deus é um desejo de todas as pessoas. Algumas fazem longas peregrinações buscando “lugares santos” e esquecem de buscar no santuário do próprio coração sua presença viva.

### LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura – Dt 30, 10-14

**H**á muitas formas de descobrir a vontade de Deus: astros, bruxos, astrólogos, livros sagrados, sacerdotes... Hoje, há quem continue acreditando em horóscopos, ou simplesmente não se preocupam em saber o que Deus quer. A vontade de Deus pode ser descoberta escutando o próprio coração. Encontramos a Deus quando mergulhamos no mais íntimo de nós mesmos. Os desejos e propósitos que brotam do mais profundo de nosso coração identificam-se com a vontade de Deus. Percrutando o coração, descobrimos nele que a palavra de Deus foi aí escrita como nas tábuas da lei.

2ª leitura – Cl 1, 15-20

**I**niciamos o estudo da Carta aos Colossenses. Paulo se encontra

prisioneiro em Roma. Chegam da Ásia notícias de que os cristãos estariam se deixando seduzir por doutrinas estranhas. Acreditam em espíritos que habitam os céus, que condicionam a vida das pessoas e seu poder poderia ser superior ao do próprio Cristo. Por isso Paulo coloca no início de sua carta um hino cristológico, celebrando sua supremacia sobre toda a criação. Para os colossenses e para nossas comunidades deve ficar claro que Cristo está acima de tudo.

Evangelho – Lc 10, 25-37

**U**m dos piores insultos que se podia fazer a um judeu no tempo de Jesus era chamá-lo de cachorro ou de samaritano. De fato, os judeus tinham seus motivos para considerar os samaritanos como excomulgados. Tinham-se separado das tradições dos antepassados, contaminado a religião nacional com cultos pagãos e viviam na impureza.

O evangelho de hoje apresenta-nos um judeu justo, doutor da lei. Inicia com Jesus uma discussão teológica, comum naquele tempo: Que fazer para conseguir a vida eterna? Jesus responde com outra pergunta, remetendo-o à escritura. A primeira resposta do judeu é perfeita, mas ele tem mais uma dúvida. Quem seria o próximo a quem deveria ajudar? Era comum discutir entre os judeus sobre quem merecia ser considerado próximo. Alguns diziam que somente os filhos de Abraão deveriam ser amados; outros entendiam que também os estrangeiros residentes em Israel eram merecedores do amor; todos, porém, concordavam em afirmar que os povos distantes e os inimigos não deviam ser considerados próximos. Jesus não se preocupa em determinar até onde deve chegar o amor,



mas como ele se manifesta e quem de fato ama a Deus e ao irmão. No tempo de Jesus, realmente as estradas que passavam por entre as montanhas eram perigosas, pois os que eram expulsos das próprias terras não tinham outra alternativa senão morar nas montanhas, cultivar algum cereal e, nos momentos de apuro, efetuar saques junto aos passantes, às vezes com violência. Num desses acontecimentos, passam por um ferido um sacerdote e um levita (os levitas eram os sacerdotes do templo). Eram boas pessoas, certamente devotas e cumpridoras do dever. O medo de serem atacados também, o perigo de se contaminarem e certamente uma religião de exterioridade, fez com que passassem adiante sem prestar socorro ao caído. O samaritano sente no coração o sentimento de Deus: a compaixão. A partir daí, esquece seus negócios, seus compromissos, as prescrições religiosas, o cansaço, a fome, o medo; toma providências imediatas, sem parar, até a solução final do caso. No final da conversa de Jesus com o entendido judeu, ficou claro quem é o próximo: o que assimilou o procedimento misericordioso de Deus. A vontade de Deus é manifestada pela necessidade do irmão. A palavra de Jesus *vai e faz o mesmo* pode ser traduzida: *faze de quem está perto de ti o teu próximo* e terás como herança a vida. No vestibular de Jesus, não basta uma resposta perfeita, é preciso vivência.

## CONCLUSÃO

**A** nossa fidelidade e o nosso amor a Deus serão avaliados de conformidade com a nossa prática. A verdadeira religião é a da vida e não das conversas vazias. A prática se manifesta por um coração capaz de experimentar os sentimentos de Deus,

isto é, capaz de sentir compaixão. Os mandamentos não são uma exigência externa, mas uma exigência profunda do nosso coração. ■

## Acolher o outro, acolher a Deus.



**16º Domingo do Tempo Comum**  
19 de julho de 1998

### PONTO DE PARTIDA

**T**odos temos experiência do quanto é bom ser bem acolhido. Sabemos também o quanto dói a rejeição e o fechamento das portas à nossa frente. As leituras de hoje nos falam da hospitalidade, cujas características são o desinteresse e a gratuidade.

### 2. LEITURAS BÍBLICAS

#### 1ª leitura – Gen 18, 1-10a

**A**braão não foi apenas o pai da fé, mas também um exemplo de hospitalidade por causa do episódio narrado na leitura de hoje. No início da narrativa Abraão está sentado e os visitantes em pé. No final os papéis se invertem: a visita está sentada e o dono da casa está em pé para servi-los. A hospitalidade de Abraão gera vida. Deus concede-lhe o maior favor que poderia desejar: um filho. Na pessoa de quem nos visita, está o próprio Deus nos visitando.

#### 2ª leitura – Cl 1, 24-28

**P**aulo, já velho e depois de ter trabalhado muito, diz que embora

tenha sofrido muito, sente-se feliz porque sabe que dedicou sua vida pela causa do evangelho. Tem consciência de ter continuado a missão deixada por Jesus. Na prisão aproveita para fazer um balanço da própria vida. Conclui com satisfação que passou fazendo o bem e pregando o evangelho a todos. Hoje a pregação do evangelho é missão da comunidade.

### Evangelho – Lc 10 38-42

**L**ucas gosta de apresentar Jesus sentado à mesa na casa de alguém. Ele aceitava convites tanto dos mais influentes como os doutores da lei e fariseus, quanto dos publicanos. Hoje ele se encontra na casa de duas irmãs. Marta, preocupada com a lida da casa, enquanto Maria senta-se aos pés do senhor para ouvi-lo falar. A atitude de estar sentada aos pés do Mestre, significa um compromisso de pertença ao grupo dos seus discípulos. A atitude é de quem está participando das lições do Mestre (cf. At 22,3). Para nós o fato não apresenta nenhuma novidade, mas no tempo de Jesus, nenhum mestre acolheria uma mulher como discípula. Foi uma atitude corajosa de Jesus, como também o fato de visitar a casa das duas irmãs, pois podia gerar comentários. A atitude de Maria aos pés do Mestre era de quem estava ouvindo-o falar, prestando atenção à palavra do evangelho. Não se pode cair no discurso de contrapor a oração à ação. Não é este o sentido do evangelho. Marta é censurada, não por causa do trabalho, mas porque fica agitada, ansiosa, preocupada, inquieta com tantas coisas e, sobretudo, porque se atira ao trabalho antes mesmo de ouvir a Palavra. Maria é elogiada, não por estar inativa, mas porque escuta a Palavra. A lição para nós é evidente: qualquer atividade

apostólica ou projeto pastoral devem ser orientados pela Palavra, do contrário correm o risco de se reduzirem a mero ativismo, vão e ineficaz. Maria escolheu a boa parte porque escutou a Palavra. Maria, a mãe de Jesus, também é elogiada pela mesma razão.

### CONCLUINDO

**A** hospitalidade é uma forma de viver o evangelho. É a atitude fundamental que está na base de todo serviço ao próximo. As leituras de hoje nos apresentam bons exemplos. Todo serviço ou ministério deve estar motivado pela Palavra e sustentado por ela como alimento diário e eficaz. ■

## A verdadeira oração



17º Domingo do Tempo Comum  
26 de julho de 1998

P

### PONTO DE PARTIDA

**N**o Oriente há o costume de gastar longo tempo em conversação antes de efetuar a negociação que se deseja. Em nossa sociedade os grandes magazines impossibilitam qualquer diálogo no ato da compra e assim ela se torna um gesto mecânico. A liturgia de hoje aplica à vida espiritual esta prática.

### LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura – Gn 18, 20-32

**A**braão usa com Deus a mesma estratégia do negociante ou do comprador na hora de adquirir uma

mercadoria. Sua oração não é uma sucessão de fórmulas, mas um diálogo direto com Deus. Quando nos colocamos em atitude de oração, Deus nos envia sua luz, mostra-nos novos caminhos e as escolhas que devemos fazer.

2ª leitura – Cl 2, 12-14

**S**e soubermos que um juiz guardou os arquivos de todas as nossas acusações, ficaríamos inquietos. Alguém poderia usá-las contra nós. Paulo se vale dessa comparação para dizer que o livro de nossos pecados foi destruído e pregado na cruz. Por isso não precisamos ter mais medo. O batismo nos purificou do nosso pecado e agora, em Cristo ressuscitado, temos uma nova vida.

Evangelho – Lc 11, 1-13

**O** evangelho de hoje nos convida a refletir sobre a validade e a necessidade da oração. Nos tempos antigos alguns grupos tinham sua forma própria de rezar. Alguns grupos atuais também têm sua maneira própria de rezar. Por isso os discípulos pedem a Jesus que lhes ensine uma forma de oração que os caracterizasse. A oração que Jesus ensina não é para pedir privilégios, livrar de alguma dificuldade ou para mudar a vontade de Deus. É antes uma súplica para entender e aceitar a vontade de Deus e para dar força e coragem. O pai nosso não é uma oração melhor que as outras, mas uma síntese de toda mensagem cristã. Através dessa oração o cristão aprende a confiança porque sabe que Deus é Pai. O nome de Deus é santificado quando sua salvação alcança o homem, curando-o de todo mal e libertando-o de todo pecado. No pai nosso expressamos o desejo de sermos capazes de contemplar

sua intervenção salvadora em nós e no mundo todo. Nós sabemos que a nossa oração já foi atendida, mesmo que não saibamos o dia e a hora. Ao pedir que venha o seu reino, expressamos o desejo de ver o cumprimento do plano de Deus; lembramos que no batismo colocamos todas as nossas energias a serviço de Deus para que seu reino de justiça, paz e amor seja logo manifestado. Nossa súplica não pretende mudar a Deus, mas transformar o nosso coração. A oração acelera a santificação do nome de Deus e a vinda do seu reino, porque ela transforma o coração humano. O pão de que precisa o cristão é o necessário para viver. O pedido é pelo pão nosso, isto é, para todos. Para rezar o pão nosso é preciso uma atitude de partilha e uma disposição para o trabalho. O egoísta não sabe dizer o pão nosso... O pedido de perdão é essencial à vida cristã. Quem reza com ódio no coração não é ouvido e nem atendido. As maiores tentações de nossos dias são: assumir uma mentalidade mundana e resistir à mudança e abafar

## ERRATA

Missionários Claretianos  
Na edição de maio/98, na terceira  
capa, o telefone correto é  
(011) 3666.0052  
(031) 222.3154





em nós a semente de Deus e abandonar o Mestre.

### CONCLUINDO

**N**ossa oração será atendida quando mergulhamos inteiramente em Deus. O maior benefício da oração é transformar o nosso coração e o nosso pensamento a ponto de ver o mundo como Deus mesmo o vê. A purificação da mente e do coração acontecem pela oração. ■

## O verdadeiro tesouro



18º A verdadeira oração  
02 de agosto de 1998

### PONTO DE PARTIDA

#### 2. LEITURAS BÍBLICAS

##### 1ª leitura – Ecl 1,2; 2,21-23

**C**erca de 250 a.C, vive em Jerusalém um sábio chamado Coélet. Sua característica principal é não se deixar entusiasmar pelas possibilidades de bem estar que a sociedade oferece. Ao contrário, diante da busca frenética dos bens materiais, cultiva um certo pessimismo e conclui: Tudo é vaidade! Aconselha a moderação, mas ainda não é a resposta final, pois ela será dada pelo evangelho.

##### 2ª leitura – Cl 3, 1-5.9-11

**B**uscar as coisas do alto é uma referência ao batismo. Por ele o cristão morre para a vida antiga e começa uma completamente nova. Isso comporta renúncia de todo o


mal e um verdadeiro revestir-se de Cristo. Assim se torna um homem novo. O batismo imprime em nós a imagem de Deus, mas ela vai se manifestando aos poucos, à medida que eliminamos de nós atitudes antigas e assumimos um novo modo de agir. O texto é um estímulo, pois sabemos que, mesmo não tendo chegado à perfeição, estamos caminhando para ela.

### Evangelho – Lc 12, 13-21

**A** união de muitas famílias dura até o momento de repartir a herança. Certo dia Jesus foi convidado a resolver uma dessas pendências familiares. Ele não procurou resolver o caso concreto, mas alertou para o perigo da ganância, que é a raiz de onde provém todas as discórdias, ódios e injustiças. Quem acumula só para si sem pensar nos outros, e se deixa seduzir pela ganância, inverte o plano do criador. Os bens, que são um dom de Deus, quando apropriados pelo homem, transformam-se em objetos preciosos, em ídolos para serem adorados. Jesus não despreza os bens materiais, mas proclama a sua independência em relação a eles. É muito diferente a herança pela qual se interessa. Ele tem como objetivo o Reino que será herdado pelos pobres e pelos que tiverem consagrado a vida pelos irmãos. Pensa na herança incorruptível, incontaminável, imarcessível (1Pe 1,4) e, para explicitar seu pensamento, conta a parábola do homem rico que fez uma colheita abundante. É fácil verificar os elementos significativos da parábola. O homem rico com certeza é alguém esforçado, cumpridor dos deveres. Na parábola não aparece família, vizinhos e nem empregados. Com certeza é um homem muito preocupado em aumentar o seu tesouro. Pensa na

colheita, nos armazéns, nos cereais. Na sua mente não há lugar para mais ninguém, nem para Deus. Seus bens tornaram-se ídolos e destruíram tudo que encontraram pela frente. Criaram o vazio ao redor dele, desumanizaram-no completamente. O evangelho qualifica-o de insensato. Perdeu completamente o equilíbrio, a orientação e o sentido da vida. Emprega insistentemente as palavras eu, meu. Parece só existir ele e seus bens. A parábola não quer ser uma condenação da riqueza. O agricultor é condenado por ter acumulado exclusivamente para si e não se enriqueceu aos olhos de Deus. O mal está em querer enriquecer só para si, acumular bens sem pensar nos outros. A riqueza deve ser multiplicada, mas para todos, não só para alguns. A parábola é um alerta a todos. Não se aplica somente a quem tem fartura de bens materiais, mas todos nós podemos estar cultivando sentimentos de cobiça, avareza e ganância. Enriquece, ao invés, diante de Deus, aquele que se dedica ao irmão, pois a única maneira de possuímos um Dom que pertence a Deus é oferecê-lo a quem precisa dele. Este é o paradoxo: nós só possuímos de fato aquilo que damos. Os tesouros desta vida são ingratos: não acompanham na outra vida. Só o amor é eterno.

### CONCLUINDO

**A**s leituras convidam a uma reflexão sobre a verdadeira riqueza que se deve buscar. Uma coisa é certa: quem acumula só para si é um insensato. O Eclesiastes considera loucura acumular riquezas que mais tarde devem ser deixadas para outros. O cristão é convidado a adotar um novo comportamento que inclui também uma maneira diferente de encarar a riqueza. 

**Ave**  
**MARIA** Parabéns pelo Centenário

“Uno-me, em ação de graças a Deus, pelos serviços centenários prestados pela revista Ave Maria ao Povo de Deus” — *Dom Jacir Francisco Braido, CS - Bispo coadjutor de Santos, SP.*

“Expresso meus votos de felicitações por esta comemoração, assegurando-lhes as minhas preces da Ação de Graças a Deus por todo bem realizado com os escritos e divulgação nestes cem anos da Revista Ave Maria. Que Deus dê a recompensa a todos que empenharam com seus escritos e divulgação” — *Dom Pedro Fedalto - Arcebispo de Curitiba.*

“Uno-me aos Missionários Claretianos na comemoração do centenário da revista Ave Maria, augurando as bênçãos divinas sobre essa obra evangelizadora”. — *Dom Eduardo Koaik - Bispo de Piracicaba, SP.*

“Parabéns pelo centenário da revista Ave Maria. Continuem fazendo o bem sempre mais.” — *Dom David Picão - Bispo de Santos, SP.*

“Nossos efusivos cumprimentos pelo transcurso do primeiro centenário da revista Ave Maria. Continuem com o mesmo espírito e conteúdo. Certamente a revista Ave Maria comemorará outros centenários.” — *Gilson e Maria Ignez Rossi - São Paulo, capital.*

“Meus cumprimentos à gloriosa Ave Maria pelo seu centenário. Que Nossa Senhora proteja aos diretores, funcionários e assinantes sempre e sempre...” — *Walther Alliprandini - São Paulo, SP.*

“Parabenizamos, neste centenário da revista Ave Maria, a toda equipe que nela trabalha e louvamos a Deus pelos serviços claretianos nela executados” — *Missionários Claretianos - Paranatinga, SP.*

**Ave**  
**MARIA** Parabéns pelo Centenário

“Partilhamos a alegria da celebração dos 100 anos da revista Ave Maria a serviço do Reino e da mãe do Senhor”. — *Missionários de Santo Antônio Maria Claret - Londrina, PR.*

“Nossas felicitações e orações pelo centenário da revista Ave Maria.” — *Hemenegildo Faccioli e família - Franca, SP.*

“Parabéns aos Missionários Claretianos pelos 100 anos da revista Ave Maria” — *José Maria Martins - Recife, PE.*

“Congratulamo-nos com a vossa festa do centenário da revista Ave Maria” — *Frei João Benedito - Cidade Ocidental, GO.*

“Solidarizamos-nos com os missionários claretianos no significativo evento do centenário da revista Ave Maria, um século de sementeira fecunda justificando em vida cristã a serviço da Igreja e do Reino. Parabéns!” — *Irmãs de São José de Chambery - São Paulo, Capital.*

“À minha família claretiana de “Ave Maria”, centenária de *Magnificat* e de Bodas de Cana, na mesma celebração, com o mesmo compromisso. Fraternalmente *in Corde Matris.*” — *Pedro Casaldáliga - São Félix do Araguaia, MT.*

“Neste grande dia, em que se celebra os 100 anos, desta tão valiosa revista Ave Maria, todos nós do mensageiro Santa Rita, queremos parabenizá-los e fortalecê-los na continuidade deste tão importante trabalho para as nossas comunidades brasileiras...” — *Frei A. Leopoldo Sarroche Filho - OAR, Frei Sérgio Peres, Adenildo Gomes e Adriana R. C. Sarroche Leão — “Mensageiro Santa Rita” - Franca, SP.*

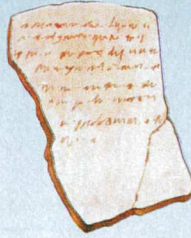




# Habacuc

**PROFETA MENORES:** Chamados assim pelos seus livros de menor extensão, como todos os profetas denunciam castigo pelas faltas cometidas, assim como prêmio à conversão. Neste tempo que se fala mais na misericórdia de Deus-Pai, encontremos suas mensagens de esperanças.

**J**ó dialogava com Deus sobre os problemas do bem e do mal. Não dos seres humanos, mas dos povos. Deus aconselha *Paciência*, todos os povos serão julgados no tempo certo, enquanto “sucumbe o que não tem alma ín-

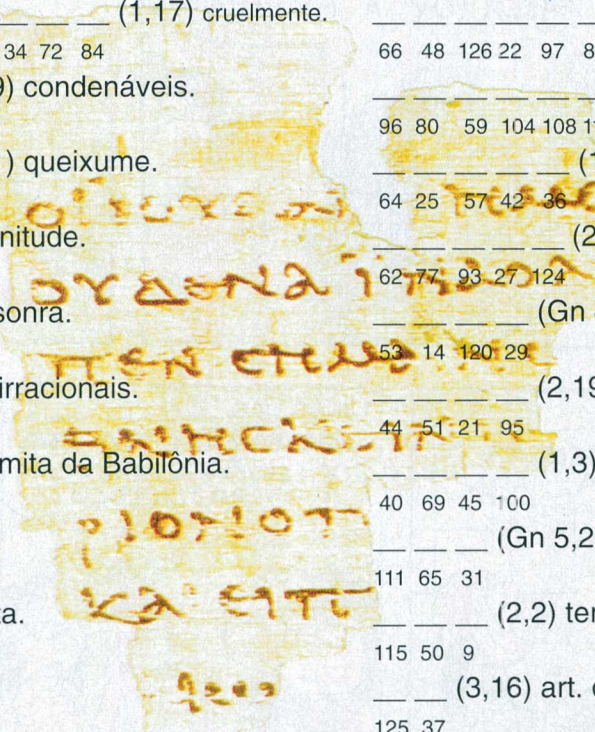


Norma Termignoni é professora, autora do livro “Educação para o Lar” (Ed. Ave Maria).

tegra mas o justo vive por sua fidelidade”. São Paulo refere-se a este texto (Hab. 2,4) em Rm 1,17; Gl 3,1 e Heb 10,37-38, aconselhando a perseverança na fé.

Encontre as palavras pedidas no versículo indicado. Transportando as letras ao nº correspondente no diagrama abaixo, achará uma mensagem de Habacuc.

_____ (1,17) cruelmente.	_____ (2,20) habita, mora.
13 105 83 123 19 26 56 90 41 79 1 34 72 84	66 48 126 22 97 88
_____ (2,9) condenáveis.	_____ (Pv 6, 14) espalhar.
91 7 11 32 89 24 4 121 73 52	96 80 59 104 108 118
_____ (3,1) queixume.	_____ (1,11) poder, energia.
70 23 49 10 54 6 103 67 113 92	64 25 57 42 36
_____ (1,7) magnitude.	_____ (2,5) ser hum. masc. sing.
20 74 43 2 30 58 109 98	62 77 93 27 124
_____ (2,10) desonra.	_____ (Gn 4,26) filho de Set
47 119 101 87 116 5 15 38	53 14 120 29
_____ (2,17) seres irracionais.	_____ (2,19) metal precioso.
86 75 60 12 8 33 82	44 51 21 95
_____ (1,6) tribo semita da Babilônia.	_____ (1,3) enxergo
99 110 18 112 106 81 78	40 69 45 100
_____ (2,3) faltará.	_____ (Gn 5,29) filho de lamec.
107 68 39 55 46 114 17	111 65 31
_____ (1,1) o profeta.	_____ (2,2) ter um modo de..
35 63 117 76 3 28 122	115 50 9
_____ (1,5) povos.	_____ (3,16) art. def. masc. pl.
61 16 102 94 71 85	125 37



“ \_\_\_\_\_ ”

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29
30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	
58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82				
83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100	101	102	103								
104	105	106	107	108	109	110	111	112	113	114	115	116	117	118	119	120	121	122	123	124	125	126						

(Habacuc 3,18b-19)

# Maíra

por TINAGLO

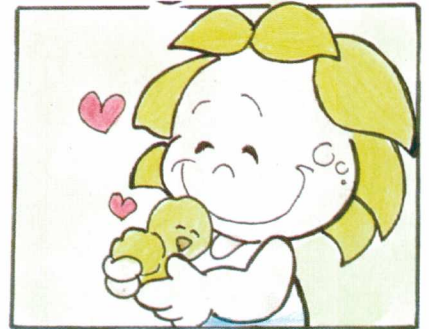
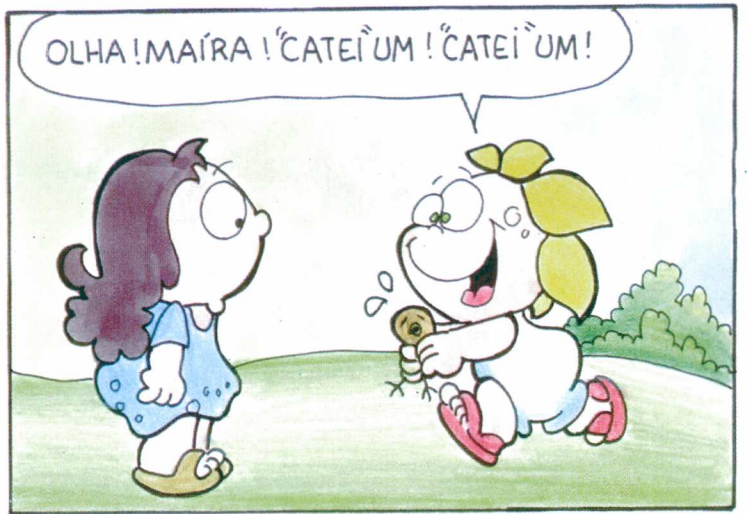
Querido Diário

Hoje eu estava me lembrando do dia em que conheci a Kacilda...



...mas, com o tempo...





Fim

# AVE MARIA

A PRIMEIRA REVISTA CATÓLICA MARIANA DO BRASIL



PORTE PAGO  
ECT - DR/SP  
ISR-40 - 2837/ 81

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898  
RUA MARTIM FRANCISCO, 656 TELS. (011) 3666 2128 / 3666 2129  
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

A revista AVE MARIA foi criada para ser uma homenagem a Nossa Senhora. Por isso durante um século ela manteve — e continuará mantendo — um compromisso com o Evangelho de anunciar a justiça, o direito, a verdade, o amor e a paz.

Divulgue Você também essa mensagem.

Você já pensou em dar de presente uma assinatura da AVE MARIA a um parente, amigo, vizinho, ou alguém que Você estima ou quer bem? São só R\$ 20,00. O(A) novo(a) assinante receberá uma revista que fortalece a fé, leva conforto espiritual, traz a palavra do Papa, notícias da Igreja, conta a história dos santos etc.. Você sentirá a satisfação de divulgar a mensagem cristã e mariana e todos os meses Você será lembrado(a) com admiração e alegria.

E é muito fácil e simples de fazer.

De qualquer parte do Brasil é só telefonar: (011) 3666-2128 ou 0800-55.5021.

IMPRESSO